

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**



1290002563



FE

TCC/UNICAMP G165p

Geórgia Helena Bueno Nery Garcia

**A POESIA NOS CATÁLOGOS DE LITERATURA
INFANTIL**

**Campinas
2005**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	365336
V:.....EX:.....	
TOMBO:.....	2563
PROC:.....	
C:.....D:.....	
PREÇO:.....	
DATA:.....	22.03.05
Nº CPD:.....	365336

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

G165p Garcia, Geórgia Helena Bueno Nery
A poesia nos catálogos de literatura infantil / Geórgia Helena Bueno Nery
Garcia. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Norma Sandra Ferreira de Almeida.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Literatura infantil. 3. Catálogos. 4. Poesia. I. Almeida, Norma Sandra
Ferreira de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

04-126
RP/FE

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Geórgia Helena Bueno Nery Garcia

A Poesia nos Catálogos de Literatura Infantil

**Campinas
2005**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso e exigência parcial para a conclusão do curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Prof^a Dra. Norma Sandra Ferreira de Almeida.
Este exemplar corresponde a versão preliminar submetida à avaliação da comissão em julho de 2005.

Comissão Avaliadora:

Prof^a Dra. Norma Sandra Ferreira de Almeida.
(orientadora)

Prof. Dr. Roberto Akira Goto (segundo leitor)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela vida e pela oportunidade de estar aqui hoje.

À minha orientadora, Profa. Dra. Norma Sandra Ferreira de Almeida, pela confiança, paciência, atenção e interlocução neste trabalho de pesquisa.

Ao Prof. Dr. Roberto Akira Goto, pela atenção, leitura e apontamentos neste trabalho.

A todos os professores da Pedagogia - PEFOPEX - que contribuíram com minha formação .

A Leda Farah que, de forma sempre paciente e amorosa, leu e comentou meu trabalho.

A todas as minhas amigas de sala de aula, especialmente as do meu grupo de trabalho, Cecília, Priscila e Sílvia, com as quais sempre pude contar e dividir as coisas boas e ruins dos quatro anos de curso.

Ao meu pai, Edson, que, tenho certeza, todas as noites se lembra e reza por mim e que me ensinou que as pessoas imprescindíveis são mesmo as que lutam toda a vida.

A minha mãe, Amarílis, minha colaboradora e incentivadora eterna, a quem aprendi a admirar cada vez mais, pela retidão com a qual conduz a sua vida.

Aos meus irmãos, que me amam acima de tudo, me ajudam e torcem pelo meu sucesso (Cláudia, Verônica, Edson Jr., Március).

A minha sogra Luzia, tios(as), cunhados(as), primos(as), sobrinhos(as) que, de uma forma ou de outra, contribuem sempre para o meu crescimento.

Em especial ao meu marido, Valério, e aos meus filhos, Jorge e Breno, que, nesses quatro anos, torceram por mim e de forma generosa foram meus incentivadores, companheiros e amigos. Agradeço a eles eternamente pelo simples fato de existirem e fazerem parte de minha vida.

A todos os meus amigos, os de longe e os de perto, que se alegram com minhas conquistas e choram comigo em minhas tristezas.

A poesia nada mais é do que uma brincadeira com as palavras. Nessa brincadeira, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo: isso aí é também isso ali. Toda poesia tem que ter uma surpresa. Se não tiver não é poesia: é papo furado”.

(José Paulo Paes)

A POESIA NOS CATÁLOGOS DE LITERATURA INFANTIL
GEÓRGIA HELENA BUENO NERY GARCIA – RA 011614
Faculdade de Educação – UNICAMP – PEFOPLEX – Pedagogia
Orientadora: Prof^a Dr^a Norma Sandra Ferreira de Almeida

Resumo

Esta pesquisa pretende conhecer através da leitura de catálogos de livros infantis, o que tem sido produzido para crianças no mercado editorial no gênero poesia

Buscou-se identificar o lugar que a poesia ocupa no interior de dois catálogos: *Ática* e *Companhia das Letrinhas*; compreender a importância dada à poesia pela visão das editoras destes catálogos; verificar como este gênero é apresentado aos leitores neste material de divulgação.

Para tanto, foram feitas leitura e a análise dos Catálogos de Livros Infantis do ano de 2004 das editoras *Ática* e *Companhia das Letrinhas*.

A escolha por estas editoras justifica-se pela sua ampla circulação no mercado escolar, em nível nacional.

Foram empregadas as seguintes categorias de análise: identificação dos principais autores, obras e temas; a quantidade e diversidade de autores, obras e temas; tipos de leitores previstos pelos idealizadores dos Catálogos.

Além da análise deste material, a pesquisa incorporou uma revisão bibliográfica sobre o gênero Poesia, sobre a Literatura Infantil e sua relação com a escola.

Embora os catálogos apresentem projetos editoriais bastante diferentes entre si, ambos apresentam:

- textos que destacam e legitimam a importância da leitura do gênero na formação de jovens leitores e a singularidade da linguagem poética;
- uma pequena quantidade de poemas em relação às obras ofertadas no catálogo (cerca de 3% na editora *Ática*) e (cerca de 6,5% na *Companhia das Letrinhas*);
- uma pequena diversidade de autores quanto à época e nacionalidade, em sua maioria contemporâneos;
- uma diversidade maior de ilustradores do que de poetas, revelando a importância dada a esta linguagem quando destinada ao leitor infantil;
- uma significativa preocupação com temáticas reconhecidamente vinculadas à criança ou à escola;
- uma nítida relação entre o modo de apresentação e a seleção das obras com o leitor que se pretende alcançar: o escolar, principalmente na editora *Ática*, e o jovem leitor que não é mais só o exposto à leitura impressa com a oferta de novos suportes de texto (CD Rom e CD musical), na editora *Companhia das Letrinhas*.

SUMÁRIO

1- APRESENTAÇÃO.....	7
2-HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.....	15
3-BREVE PERCURSO DAS EDITORAS DE LIVROS INFANTIS.....	29
3.1-Histórico: Editora <i>Ática</i>	30
3.2- Histórico: <i>Companhia das Letrinhas</i>	33
4-CATÁLOGOS – a materialidade do que está sendo produzido e consumido no mercado editorial de livros.....	35
4.1-Em foco editoras <i>Ática</i> e <i>Companhia das Letrinhas</i>	38
4.1.1- Editora <i>Ática</i>	38
4.1.2- Entre gêneros, temas e autores: a poesia.....	43
4.1.3- Apresentação de uma obra.....	47
4.1.4- <i>Companhia das Letrinhas</i>	54
4.1.5- Da poesia Impressa ao CD Rom.....	60
4.1.6- Poesia.....	63
5 –CATÁLOGOS- UMA CONTRIBUIÇÃO AOS PROFESSORES.....	72
6 –BIBLIOGRAFIA.....	77

1-APRESENTAÇÃO

Como professora do ensino fundamental, há 18 anos, vejo-me sempre preocupada em colocar meus alunos em contato com a poesia em sala de aula. Para mim, poesia sempre foi uma forma de arte disponível para aqueles que querem se expressar livremente através das palavras, ou melhor dizendo, é o exercício da liberdade que temos de colocar as palavras para expor nossos pensamentos, nossos sentimentos. É, portanto, um jeito de olhar, um jeito de sentir... que, ao ser expresso, busca mostrar o movimento das palavras em nossos pensamentos — é a organização que tentamos fazer daquelas palavras que insistem em mostrar o nosso jeito de sentir e olhar as coisas e as pessoas.

Poesia é esta

organi

z

ação

dez(s)

organi

z

ação .

È pura...

cria

ção

re

cria

ção

ou seria...

re

crea

ção?!

Ou só...

ação?!

Não sei dizer se poesia é isto ou aquilo, ou mesmo se é isto e aquilo. Poesia é esta “coisa” indefinida: puro movimento de palavras, de linguagem que me põe em movimento. Poesia é algo assim, difícil mesmo de ser explicado. A cada momento, a cada novo olhar, podemos atribuir um sentido diferente do que foi dado anteriormente.

Entretanto, COELHO (2002, p.222) lembra que:

... poesia é palavra [...] Mas não é só palavra [...] Poesia é também imagem e som. As palavras são signos que expressam emoções, sensações, idéias ... através de imagens (símbolos, metáforas, alegorias...) e de sonoridade (rimas, ritmos...).
[...] O jogo poético, além de estimular o “olhar de descoberta” nas crianças, atua sobre todos os seus sentidos, despertando um sem-número de sensações [...].

Acredito, porém, que poesia não é só para crianças, poesia é para todos, conforme afirmou Bartolomeu Campos de Queirós, em entrevista para o jornal Notícias do Salão-FNLIJ-2003, quando lhe perguntaram em que literatura ele acredita:

Por meio da literatura vou falando de mim, vou chegando mais perto das pessoas (...) Sempre escrevi para mim mesmo. Daí não acreditar até agora em literatura com destinatário. (...) Acredito que arte é quando fazemos o melhor de nós. Não vou fazer o melhor de mim para fulano ou para beltrana. Vou simplesmente fazer o melhor de mim.

Poesia, quando é boa, transpõe as barreiras do tempo e independe de idade, sexo, cor, nacionalidade...

Octávio Paz, em seu livro *Signos em Rotação*, no ensaio intitulado "Verso e Prosa" (Editora Perspectiva, 1972, p.12), diz: "A poesia pertence a todas as épocas: é a forma natural de expressão dos homens. Não há povos sem poesia [...] A poesia ignora o progresso ou a evolução e suas origens e seu fim se confundem com os da linguagem."

Preocupada em vivenciar e poder oferecer às crianças as mais diversas formas de arte, busco diferentes caminhos na escolha pelo livro, autor ou poema que mais me encante e possa encantar e envolver meus alunos no contato com a linguagem poética, no gosto de ouvir e ler poemas, na familiaridade com um repertório literário.

Às vezes, levo para eles um livro de poemas do qual gosto muito e que me acompanha há muito tempo. Outras vezes, um colega de faculdade ou ainda da escola onde trabalho me apresenta um novo. Ou ainda, percorrendo livrarias ou bibliotecas, deparo-me com um autor ainda desconhecido para mim e que desperta meu interesse em lê-lo e apresentá-lo a meus alunos.

E, nesta busca, os catálogos de diferentes editoras, têm sido para mim, um facilitador deste encontro.

Na tentativa de esclarecer a que se propõem as editoras, ao lançarem seus catálogos no mercado, precisamos inicialmente compreender o que são e a que se destinam os catálogos.

De acordo com o dicionário Larousse Cultural (volume 6, p.1245), os catálogos são definidos como: "1-Lista de documentos, impressa ou não,

classificados de acordo com uma ordem determinada, segundo regras preestabelecidas, a fim de facilitar possíveis pesquisas; [...]; 3-Lista ou folheto, ilustrado ou não, usado para a promoção dos artigos ou serviços que um comerciante oferece.”

Os catálogos são utilizados, portanto, como instrumento de divulgação e apresentação de um conjunto de obras com função de atrair o público leitor aos livros que pretende comercializar.

Os catálogos chegam às mãos do professor por diferentes meios.

Na *Companhia das Letrinhas*, por exemplo, a distribuição de seu catálogo nas escolas raramente é vista; aliás, apenas um grupo seletivo de professores tem acesso a esse material e, quando isso ocorre, é de forma gratuita. Porém, os interessados em obter o catálogo para análise, podem fazê-lo de várias maneiras: por contato telefônico; por carta, utilizando-se do endereço encontrado nos livros da editora; consulta ao site; ou contato com seus distribuidores. Quando se é cadastrado, recebe-se todos os anos o novo catálogo e, com uma certa frequência, informações atualizadas sobre os lançamentos. Embora a *Companhia das Letrinhas* não ofereça orientação ao professor para utilização das obras de seu catálogo, os professores cadastrados recebem em casa o “Caderno de Leituras” que, desde 1999, dá orientações para o trabalho em sala de aula.

São palavras do editor, ao apresentar esse Caderno:

... Nossas sugestões pretendem ser, antes de tudo, uma forma de trocar experiências com o professor, e por isso mesmo a idéia não é tanto destacar uma lista específica de livros. Importa mais indicar um tipo de relação com eles, um modo de valorizá-los, para que se tornem objeto de apreço dos nossos pequenos leitores.

No caso da editora *Ática*, os catálogos são entregues gratuitamente por seus representantes aos professores, por intermédio das escolas, após o preenchimento de fichas de inscrição para recebimento desse material de divulgação. Porém, esta não é a única forma de acesso a esse material: há também a possibilidade de recebimento por mala direta; de visitas dos professores às distribuidoras; de contato via telefone com os atendentes; de consulta ao *site* da editora na Internet.

Em qualquer uma dessas formas, o professor tem a possibilidade de inscrever-se para receber e conhecer as obras exibidas naquele ano no catálogo, os lançamentos e, posteriormente, solicitar exemplares para análise; solucionar dúvidas; fazer reclamações; dar sugestões e/ou conhecer mais sobre a história desta editora.

Todas essas facilidades revelam que a escola é considerada, pelas editoras, como um enorme filão para a divulgação de seu material e o professor é utilizado como primeiro leitor e divulgador das obras do seu acervo, possibilitando, assim, que se atinja o consumidor final — o aluno.

Este trabalho toma os catálogos não como objeto de manuseio e consulta para um leitor interessado em conhecer ou escolher uma de suas obras divulgadas. Diferentemente do usual, os catálogos são, para mim, objetos de pesquisa e indagação. Mais especificamente, este trabalho busca identificar o lugar ocupado pela poesia no interior de dois catálogos — de duas editoras distintas: *Ática* e *Companhia das Letrinhas* —, escolhidos a partir da observação das diferenças significativas reveladas na organização, estrutura e forma como se apresentam a seus leitores.

Busquei identificar, no interior do projeto gráfico de cada uma das editoras, que importância é dada à poesia, considerando-se a história e os propósitos editoriais das empresas citadas anteriormente. Tentei observar como a poesia se apresenta disposta no interior desse material de divulgação: o catálogo.

Num primeiro momento, busco, neste trabalho, fazer uma revisão sobre o gênero poesia na Literatura Infantil no Brasil.

Em seguida, realizo um estudo sobre o histórico das editoras selecionadas para esta pesquisa, na tentativa de conhecer as intenções das editoras, no momento de sua fundação, para compreender a forma e o lugar que a poesia ocupa no interior desse material de divulgação e que imagens de leitor e leitura vêm embutidas no recurso utilizado por cada uma das editoras, na propaganda que fazem de suas obras.

A análise da linha editorial da *Ática* e da *Companhia das Letrinhas* tem por objetivo a compreensão não apenas da importância dada por elas à poesia, mas também da forma como este gênero é apresentado aos seus leitores e dos aspectos que cada uma julga serem mais importantes.

A partir da leitura e análise de cada um dos catálogos, fiz um levantamento das obras poéticas dos seus principais autores e temas ali presentes. A identificação das obras, autores, temas permitiram-me estabelecer uma articulação com a literatura, especialmente a infantil, envolvendo escola e documentos.

Deste modo, a pesquisa pôde concluir que os catálogos analisados, apesar de apresentarem entre si diferenças significativas quanto ao tipo de leitor que as editoras pretendem atingir — o que se revela em seu projeto

editorial, na forma como organizam, apresentam e dispõem as obras nos catálogos e o que dizem de suas obras, dos autores selecionados e ilustradores — apontam, seja de forma clara ou mais sutil, que seu objetivo, é atingir, conquistar o professor e, por intermédio deste, o aluno.

As editoras, conhecedoras do caráter da poesia - que é levar os leitores a descortinarem e experimentarem o universo que as rodeia - aproveitam para utilizar como chamariz deste público alvo: o infantil, em palavras como: JOGO, BRINQUEDO, CRIATIVIDADE, DIVERSÃO, IMAGINAÇÃO...

Há um apelo para o sentido visual da criança, uma imersão em seu universo infantil.

As imagens trazem ilustrações onde aparecem animais personificados, vegetais, objetos que lhe são conhecidos, íntimos, que fazem parte de seu cotidiano... tudo isso de maneira engraçada, lúdica.

Os pequenos textos que apresentam as obras têm a mesma intenção. Utilizam uma linguagem mais coloquial, que explora a oralidade, mais fácil de ser compreendida pela criança. Palavras, frases, títulos... que remetam às idéias de que poesia é mesmo uma brincadeira, um jogo. Tudo para chamar atenção dos leitores infantis, de imediato.

Os títulos dos catálogos analisados demonstram claramente o que disse acima: *Sem Cabeça Nem Pé*, *Poesia a Gente Inventa*, *Dia Brinquedo*, *Poemas para Brincar*, *É Tudo Invenção*, entre outros da editora *Ática*, e *Cambalhota*, *De Cabeça Pra Baixo*, *Nós e os Bichos*, *Rima Pra Cá*, *Rima Pra Lá*, *Ri Melhor Quem Ri Primeiro* e outros, da *Companhia das Letrinhas*.

Fica uma questão pendente e que talvez me leve a outra pesquisa: Será que as obras selecionadas pelas editoras analisadas estão contribuindo para o

amadurecimento do público infantil, como leitores críticos deste gênero? Ou tal leitura, da forma como se apresenta, estará perpetuando a infantilidade desse público?

Fiz, em cada um dos catálogos, um levantamento das obras poéticas e dos principais autores e temas ali presentes. Quem produz? O que produz ? Quanto se produz de poesia?

2-Histórico da Literatura Infantil no Brasil

Antes da análise dos catálogos, desejo lançar um olhar para a história da literatura infantil no Brasil, traçando o trajeto que ela vem construindo ao longo do tempo com um gênero que se afirma, se solidifica e se torna fundamental na formação de novos e mais leitores.

Foi na segunda metade do século XIX que apareceram no Brasil as primeiras manifestações de reforma pedagógica e literária visando à formação das novas gerações brasileiras. Nesse período, a alfabetização era feita em folhas manuscritas e os escritores eram obrigados a imprimir seus livros na Europa.

Demorou muito tempo até que as tipografias, editoras, bibliotecas e livrarias tornassem o livro um objeto não tão raro nem tão distante dos leitores, pelo menos nos centros urbanos mais importantes.

Somente a partir desse período alguns privilegiados assinantes de jornais passaram a ler textos (crônicas, poemas, críticas literárias e folhetins de romances), de autores brasileiros.

Foi no contexto cultural e social de um país que se queria urbanizar e modernizar que começaram os primeiros esforços de valorização e estimulação do consumo de bens culturais. Nesse clima de valorização da instrução infantil, despontou a carência de material adequado de leitura para crianças brasileiras. Iniciaram-se os esforços para dotar o Brasil de uma literatura infantil nacional.

A Literatura infantil nasceu, portanto, com a função de formar intelectual e afetivamente gerações de leitores. Era um gênero com ênfase no caráter educativo e formador, que trazia temas para formar o cidadão de acordo com

os valores que a sociedade esperava e buscava consolidar ou mesmo questionar. Legitimava maneiras de ler, gostos, gestos, competências e habilidades cognitivas necessárias a um ser ainda “imaturo”.

Essas necessidades fomentadas pelas instituições remontam a um período contemporâneo à Revolução Industrial, quando se passou a construir a imagem de infância. A Escola, a partir de então, tornou-se lugar privilegiado e autorizado para atender as necessidades desse “novo ser”, e a literatura seria o melhor meio para atingi-lo.

Os livros de leitura foram, no Brasil, as primeiras tentativas de realização de uma literatura para crianças. E, como literatura e educação sempre andaram ligadas, tais livros só poderiam surgir no âmbito escolar.

Sendo, os livros infantis e os escolares os que mais de perto nos interessam, cabe justificar a aproximação entre eles, acrescentando que, para a transformação de uma sociedade rural em urbana, a escola exerce um papel fundamental. Como é à instituição escolar que as sociedades modernas confiam a iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades, técnicas e conhecimentos necessários inclusive à produção de bens culturais, é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1984:25)

Conforme assinala Leonardo Arroyo em seu livro *Literatura Infantil Brasileira*, a reação nacional ao predomínio da literatura didática e da literatura infantil, as que vinham de Portugal em obras originais e traduzidas, começou a dar sinais de inconformismo na área das traduções. O pioneiro dessa manifestação foi o maranhense Antônio Marques Rodrigues, que escreveu *O Livro do Povo*, cuja 1ª edição foi impressa em 1861 na Tipografia Frias, de São

Luiz do Maranhão. Em seguida a ele, surgiu Abílio César Borges (Barão de Macaúbas), que escreveu uma série de livros. O famoso educador paulista Romão Puiggari publicou *Coisas Brasileiras*, atingindo assim a necessidade crescente de nacionalismo. Em seu livro, revela às crianças realidades bem brasileiras da fauna, flora, geografia e tradições culturais.

Em 1895, foi publicada pelos professores Fausto Barreto e Carlos de Laet a *Anthologia Nacional*, que serviu de modelo para dezenas de outras antologias.

Em 1896, Alberto Figueiredo Pimentel, carioca, publicou *Contos da Carochinha*, preocupando-se em traduzir em linguagem bem brasileira os contos infantis. Também Francisco Furtado Mendes Viana, com *Leituras Infantis* (4 livros), optou por contos e histórias que divertiam as crianças ao mesmo tempo que as ensinava.

Em 1910, o poeta Olavo Bilac e o educador Manuel Bonfim escreveram a quatro mãos *Através do Brasil*, um livro que, além de oferecer subsídios para as lições a serem aprendidas pelos alunos, pudesse valer como puro entretenimento.

A professora Alexina de Magalhães Pinto, mineira, escreveu em 1917 *Os nossos Brinquedos* e lutou para formar acervos adequados às necessidades reais do público jovem, inclusive na área das bibliotecas.

Em 1919, Thales Castanho de Andrade publicou *Saudade*. Esta foi a obra de maior repercussão desse autor e que mais influenciou os novos autores da época. Com ela abriu-se um caminho a ser trilhado pela literatura didática daí em diante: o rural.

Nos anos 20, fim da República Velha, com o fortalecimento das camadas médias da sociedade e o crescimento urbano, com seus novos grupos sociais (burguesia e proletariado) representando novas exigências, ligadas ao conhecimento científico e técnico, é que surgiram as condições propícias para a montagem de um novo aparelho educacional

O governo de Vargas, depois da Revolução Constitucionalista de 32, rendeu-se aos interesses da classe industrial paulista e tornou a educação primária obrigatória, dando lugar de destaque ao ensino técnico (comercial, industrial, agrícola e o curso de magistério, através das escolas normais) e instituindo os cursos superiores por iniciativa estadual.

Os movimentos da década de 20, portanto, repercutiram a partir dos anos 30, quando houve uma aceleração do processo de modernização da sociedade e, no campo artístico, os intelectuais batizaram seus projetos de "Modernismo".

Esse Modernismo que eclodiu na década de 1920, veio abrir uma brecha na tendência realista dominante e criou condições para uma nova eclosão da fantasia. Surge daí a consciência de que precisávamos nos desfazer do modelo europeu e nos aprofundar no registro dos ideais e costumes brasileiros. Ocorre, portanto, uma

pesquisa do passado nacional na busca de fontes autênticas de brasilidade, não contaminadas (ou pouco contaminadas) pela influência européia; o recurso ao folclore, especialmente o de procedência indígena e africana, porque expressa a primitividade e a pureza intocada; a criação de tipos humanos que representem, de modo sintético, o homem brasileiro ou os traços mais peculiares da raça. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1984:52)

A literatura infantil aderiu aos ideais do período e os livros para crianças passaram a ser profundamente nacionalistas, com histórias cheias de heróis e aventuras para o Brasil: “Os vários brasis vão tendo seus modos de vida e suas histórias documentadas e tecidas”(Idem, p.27).

Toda a produção literária, mesmo a que se proclamava menos radical, assumia como função a tarefa missionária de dar testemunho de seu país, por meio da literatura, no ambiente que desejava transformar.

A literatura infantil mostrou-se educativa e bem comportada, com conteúdos histórico-patrióticos expressando as aspirações do Estado, podendo transitar facilmente nas salas de aula, como as obras de Olavo Bilac. Sem dúvida, esses aspectos sufocaram em muito a imaginação, porém, quando liberada, se lançava a uma crítica à sociedade ou ao ambiente real, como o fez Monteiro Lobato.

Em 1921, foi ele o primeiro escritor a levar essa ruptura com o passado para a Literatura Infantil. Surgiu como um marco na Literatura Infantil brasileira, com seu livro *A menina do Narizinho Arrebitado*. Este livro foi um divisor de águas, que separou o Brasil de ontem do Brasil de hoje.

Rompeu-se, então, o racionalismo tradicional e abriram-se as portas para a criatividade que precisava ser liberada. José Bento Marcondes Monteiro Lobato viu que uma das mais necessárias reformas seria a do livro. Achava ele que o mesmo deveria ser brasileiro, feito por brasileiros e com assuntos brasileiros. Criou com seus livros um mundo ao mesmo tempo “real” e imaginário (fictícios). Lúcia, Pedrinho, D. Benta, tia Nastácia, o leitão Rabicó (reais) e a boneca Emília, o Visconde de Sabugosa, o Pequeno Polegar e tantos outros personagens (imaginários), fazem parte do universo faz-de-conta

que ele criou. Seu *Sítio do Pica-pau Amarelo*, de livro virou música e programa de televisão, sendo entendido e amado por crianças brasileiras e não brasileiras, por muitas gerações.

Lobato resumiu seu sonho e ideal de país neste seu *Sítio*, em que democracia, realidade e fantasia se misturam, onde crianças e adultos se questionam e todos juntos buscam soluções para nosso país.

Uma característica marcante de Lobato é a criação de narrativas longas. Essa característica talvez explique o pouco aproveitamento de suas obras nas Escolas de Ensino Fundamental nestas últimas décadas e a ausência de escritores seus seguidores neste aspecto.

Dos anos 30 aos 40, portanto, a criação literária lobatiana praticamente sozinha representou o "novo" na produção da Literatura Infantil Brasileira.

O que se nota nesse período é que, economicamente, o capitalismo desenvolvimentista expandiu o mercado editorial e, ao mesmo tempo, politicamente ocorreu a expansão da ideologia nacionalista, já citada anteriormente.

O sucesso de Monteiro Lobato continuou com a publicação de *Reinações de Narizinho* (1931), que deu início à etapa mais fervorosa da ficção infantil. Surgiram nessa época autores como Viriato Correia, com seu livro infantil mais famoso, *Cazuza* (1938); Orígenes Lessa, escritor paulista que lançou *Aventuras e Desventuras de um Cavalo de Pau* e o *Sonho de Prequeté*; Vicente Guimarães, mineiro, o mais lobatiano, que escreveu *Vovô Felício* e, já vivendo no Rio, dirigiu a revista infantil mais popular da época (*Zezinho*); Ofélia e Narbal Fontes, que publicaram um elenco de obras que chegou a dezenas de títulos; e Malba Tahan, o qual com uma linha bastante diferente da de Lobato,

utilizou o enorme caudal de lendas, fábulas, parábolas e contos maravilhosos de inspiração oriental.

O que se percebe, nessa fase da Literatura Infantil brasileira, é que as características ufanistas da fase anterior começaram a desaparecer, e as novas características referiam-se a um predomínio do campo, em detrimento do urbano.

Por essa época, os livros de Lobato começaram a ser proibidos em colégios religiosos, sob a acusação de “perniciosos” à formação da criança e por ser Lobato considerado ateu. É de se compreender a ameaça que representava, para o agravamento do conservadorismo então vigente, a atmosfera libertária que Lobato transmitia às suas histórias e a ênfase que dava à fantasia, ao sonho, à imaginação livre e criadora...

Os anos que cobrem as décadas de 1940 a 1960 caracterizam-se por uma intensa produção literária infantil em série, respondendo às exigências do público consumidor, em pleno crescimento. Esta produção traz a repetição de temas e personagens de um livro para outro, explorando cada tema ao extremo e atendendo a uma tendência da época: a profissionalização e a especialização por parte dos escritores e das editoras, como Saraiva, Melhoramentos, Brasiliense (esta pertencente a Monteiro Lobato).

De acordo com Lajolo e Zilberman, ao mesmo tempo em que a sociedade brasileira beneficiou sua cultura com modernização, melhores condições de produção, circulação e consumo dos bens culturais, por outro lado, prejudicou-a pelo processo de industrialização, pois o escritor ficou atrelado aos interesses das instituições, produzindo/criando modelos em série

com temas repetitivos, sem a menor inovação, o que fez com que a Literatura infantil se tornasse ainda mais marginalizada.

Nos anos 60, o crescimento da indústria brasileira foi reforçado por investimentos estrangeiros e pela lei de desenvolvimento de pequenos pólos no país. Sob a ditadura militar, multiplicaram-se instituições voltadas para a Literatura direcionada ao público infantil e escolar. Após 100 anos do início da Literatura Infantil Brasileira, com uma notória quantidade de títulos infantis, surgiram a Fundação do Livro Escolar (1966) e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968). Com o crescimento econômico, os escritores, nesse segmento, foram reduzidos a uma situação de produtores e reprodutores de obras, de acordo com aquilo que o mercado deles exigia.

A televisão, ao invés de alavancar uma cultura libertadora das potencialidades do homem, passou a ser utilizada como um recurso bloqueador que, em lugar de formar e estimular a indispensável consciência crítica, a inibe.

Em face dessa realidade e, embora de maneira ainda desorganizada, os responsáveis pela Educação e pelo Ensino sentiram-se obrigados a descobrir novos processos para incentivar a leitura, a compreensão dos textos literários e a aplicação, pela escrita e pela fala, dos conhecimentos ou sugestões ali adquiridos. Portanto, a grande tarefa passou a ser a de suprir as lacunas do sistema em transformação, dinamizar o pensamento e a consciência do educando, para despertar o seu interesse profundo pela vida, pelos seres e coisas com que convive, o que também estimula sua capacidade de expressão para se comunicar com os outros e impulsiona a necessidade de ação que existe potencialmente em cada indivíduo.

Nos anos 70, houve o chamado “boom” da Literatura Infantil, forçando o aumento da procura pelos livros brasileiros, uma indústria cultural alimentada por edições de livros cujo objetivo era atrair os não leitores. Foi nessa década que começaram a surgir obras literárias infantis como alternativa à tendência geral que era a de criar personagens idealizados a partir da perspectiva ética do adulto.

Intensificaram-se também os laços entre governo e editoras, através da Lei 5692/71, que tornou obrigatória a adoção de autores brasileiros nas escolas. Embora a Literatura Infantil continuasse dependente da instituição escolar, buscava romper com o compromisso do conservadorismo pedagógico.

O desenvolvimento da produção da literatura infantil e juvenil, articulada à expansão da educação pública, propiciou a emergência de um efetivo segmento de leitores que então passaram a receber incentivo para ler textos literários de autores brasileiros. Ampliou-se o número de escolas no país e a escolaridade básica passou de 5 para 8 anos, aumentando o tempo de permanência do aluno nos bancos escolares.

Por outro lado, o governo tornou-se, então, o principal cliente da indústria editorial, pois as escolas públicas passaram a ser subsidiadas por programas de governo estadual e federal.

Desde então, podemos dizer que as editoras passaram a “definir”, de forma significativa, o gosto, o interesse, a quantidade de leitura, a expectativa dos seus leitores, pois são elas que selecionam, organizam e põem em circulação determinadas obras, autores, temas, gêneros.

Nessa época, muitos livros e autores foram publicados, muitas vezes sem reflexão sobre o quê, o porquê e o para quê se publica. Essa despreocupação literária tomou conta da indústria cultural.

Uma crise de leitura colaborou para o “boom” dessa produção cultural literária: juntaram-se alunos que não gostavam de ler, que se contentavam com informações superficiais, preferindo outras formas de comunicação, ao descaso das escolas e instituições no tratamento com os livros, com os leitores, com o modo de ensinar a ler e a conviver com a literatura.

Era a própria indústria cultural a colocar-se como porta-voz dos que sentiam a necessidade de uma sociedade formada por cidadãos leitores; assim, um volume de obras e autores emergiu, solidificou-se, impôs-se.

Essa ausência de Lobato e de outros autores de narrativas mais alentadas tem a ver com uma política equivocada, ditada ou seguida pela produção editorial, que optou por uma atitude extremamente paternalista no tratamento da leitura: a de “ganhar” o leitor (mesmo o que deveria ter o domínio da leitura) com livros de textos curtos (às vezes ruins) e muitas ilustrações, de preferência em quatro cores, mesmo que eventualmente sem qualidades estéticas. (CUNHA, Maria A. A. 1998: p.30)

Tal produção, expressa em quantidade e também diversidade, acabou permitindo uma maior opção de escolha, porque respondia a diferentes interesses dos leitores, um mercado que se fortalecia economicamente. Acredita-se que o aumento na quantidade da produção editorial permitiu também a produção de uma maior qualidade.

A partir dos anos 70, teve início um feroz combate às “mentiras” da literatura infantil tradicional:

surge um tipo de literatura para crianças que procura eliminar de sua gramática narrativa as "irrealidades", o "extraordinário", o "maravilhoso" que sempre caracterizaram a Literatura Infantil. Fadas, bruxas, duendes, talismãs, gênios, gigantes, castelos, princesas ou príncipes encantados, etc. foram sistematicamente combatidos como "mentiras". Defendia-se, então, o princípio de que os "contos de fadas", ou do "maravilhoso" em geral falsificavam a realidade, e que, mesmo entendidos em plano simbólico, seriam perigosos para a criança, porque poderiam provocar, mais tarde, quando adultos, uma série de alienações como: perda de sentido do concreto, evasão, distanciamento da realidade, imaginação doentia, etc.
(COELHO, 1982:390)

Surgiram, nesse mesmo período, os livros que traziam, para a discussão, problemas da sociedade contemporânea, temas até então considerados tabus, como: morte, doenças, sexualidade, separação de casais...; livros que ofereciam à criança a possibilidade de refletir sobre os próprios problemas, que lhes causavam desconforto, aflição, sofrimento.

A influência de Lobato sobre os autores brasileiros da década de 70, permaneceu, através da invenção de personagens novos a cada história, assim como certo tom de humor satirizando os acontecimentos atuais; o gosto por aventuras, pela renovação no modo de criar Contos de Fadas, por temas folclóricos, revalorizando a cultura popular através das raízes orais de Joel Rufino. São autores dessa época: João Carlos Marinho, Ziraldo, Antonieta Dias, Ana Maria Machado, Daniel Azulay, Marina Colasanti, Ruth Rocha, Fernanda Lopes de Almeida e tantos outros. Juntando-se a este elenco, destacavam-se Lygia Bojunga Nunes, com livros sociais, humanos, psicologia misturados a intensa dose de fantasia, e Maria Clara Machado, no gênero teatral.

A poesia para criança se consolidou libertária, fantasiosa e fantástica, não mais só e quase que exclusivamente pedagógica e patriótica. Como as obras de Cecília Meireles, Mário Quintana e Vinícius de Moraes e a prosa poética com estilo humorístico e risonho de Bartolomeu Campos Queirós, por exemplo.

Esse tipo de produção colocou em xeque os valores que sustentavam a política militarista, “convidando” toda uma geração a desconfiar e driblar todo tipo de censura imposta pelos militares.

Os temas abordados nos livros são temas do cotidiano infantil: relações das crianças com pais e irmãos, preservação da natureza, guerra, violência urbana, contos de horror, aventura, romance entre outros.

Os livros infantis brasileiros contemporâneos vão manifestar ainda outro traço de modernidade: a ênfase em aspectos gráficos, não mais vistos como subsidiários do texto, e sim como elemento autônomo, praticamente auto-suficiente. (LAJOLO & ZILBERMAN 1984: 127-128)

Os anos 80 trouxeram uma postura crítica em relação à produção para a criança, com o objetivo de melhorar a qualidade da linguagem literária, permitindo assim uma maior exigência quanto aos projetos gráficos de livros produzidos para crianças, criando personagens criativos, críticos, questionadores, não mais obedientes e submissos.

O modelo de criança seguia aqui outras orientações: são crianças que, diante das regras impostas, tornam-se questionadoras, infringem e propõem novas regras.

Os anos 90, visando à recepção de um leitor jovem que desejava participar das discussões de seu tempo (corrupção, escândalos financeiros, sexualidade juvenil...) vieram provar que Lobato deixou herdeiros literários que ainda buscavam utopia na biblioteca construída e acreditada por ele. O jovem ansiava por participar dos debates éticos e queria encontrar uma literatura que tomasse esses assuntos por tema, permitindo-lhe discutir esse lado “sombrio”, do homem. Não para trazer-lhe respostas, mas para oferecer-lhe experiência.

Vários autores das décadas de 70 e 80 continuaram abordando com muita qualidade essas temáticas: Lygia Bojunga, com *O abraço*, *Seis vezes Lucas*; Toni Brandão, com *Grogue*; Fernanda Lopes de Almeida; Ângela Lago, entre outros. Uma produção poética focada em temas existenciais, passando pelo viés do que herdamos e daquilo que somos (autobiografias que remetem o olhar à juventude e à infância), como a de Bartolomeu Campos de Queirós (*Por parte de Pai*) e Carlos Drummond de Andrade (*Menino Antigo*).

A poesia destacou-se como linguagem singular a ser conhecida, analisada, entendida pela criança, como nos diz Lacerda p. 69: “O poeta cresce como um ser caro na biblioteca infantil e juvenil, cujos usuários vão percebendo que a poesia veste várias fantasias.”

O livro passou a ser visto cada vez mais como um produto “valioso”. A produção se especializou, como toda e qualquer mercadoria. Editaram-se livros de bolso, de papel, de pano, em CD-rom, tridimensionais, de formas e tamanhos variados, com ou sem ilustrações e para todos os gostos. Porém, o gosto ainda continuou sendo avaliado pelo adulto, atendendo à imagem e à expectativa que este tinha da criança e do jovem. Imagem essa que foi e está

sendo construída ao longo do tempo, imagem que se pretende formar e conquistar.

Desse modo, percebemos que as editoras disponibilizaram no mercado — além de outros — livros que atendiam às necessidades ditadas pelas políticas governamentais, assumindo assim um comprometimento com os valores de uma determinada camada da população.

O gênero Literatura Infantil e Juvenil, diante desse enorme discurso de valorização da leitura, transformou o mercado livreiro estimulando-o a investir: promoveram-se feiras de livros, noites de autógrafos, redes de bibliotecas com vendas expressivas, na tentativa constante de aproximar o leitor do livro. Porém, todo esse aparato não parou por aí: estendeu-se também aos serviços pensados pelas grandes livrarias e editoras, que passaram a oferecer lugares agradáveis e aconchegantes, com manuseio livre de uma grande diversidade de livros e revistas. As obras passaram a ser expostas ao público leitor de todas as idades. Ali, pode-se, agora, desde ouvir música e tomar um cafezinho, até assistir a um filme em DVD.

Há, portanto, a presença de uma contemporaneidade tecnológica, a presença do universo urbano, a conexão virtual com o resto do mundo. Mas há, também, a possibilidade de um Brasil que anseia por conhecer-se melhor e, reconhecendo-se, faça uma releitura de si mesmo, de suas múltiplas facetas.

Dessa forma, podemos verificar que temos hoje, no mercado editorial, uma grande massa de livros com o objetivo de conquistar e seduzir o público consumidor. Corre-se atrás do leitor infantil na constatação de que esse público é rendoso para o mercado editorial, quer através da escola, quer através da família.

3-Breve percurso das editoras de livros infantis

Esta pesquisa selecionou os catálogos da *Editora Ática* e *Companhia das Letrinhas* porque ambas fazem parte do material de consulta e manuseio dos professores e têm ampla circulação no mercado editorial do nosso Estado.

Neste momento do trabalho pretendo apresentar um breve percurso destas editoras, seu início e sua história. Tomei como fonte bibliográfica sobre a história da *Ática* e *Companhia das Letrinhas* a pesquisa de Oliveira (2003).

3.1-Histórico: Editora Ática

Na década de 50, um problema preocupava milhares de pessoas convencidas da necessidade de um diploma para conseguirem melhores condições de trabalho, principalmente na cidade: a falta de vagas nas escolas públicas.

Para um Brasil que naquela época ansiava atingir patamares superiores de desenvolvimento, a educação escolar passou a ter um papel importante para a qualificação de mão-de-obra da população, principalmente a oriunda do campo, despreparada para o trabalho na cidade.

Surgiram, então, como uma nova expectativa e esperança para quem não tinha conseguido completar seus estudos, os cursos de “madureza”, hoje conhecidos como supletivos.

Acreditando nessa necessidade, Anderson Fernandes Dias e seu irmão Vasco Fernandes Dias Filho, além do amigo Antonio Narvaes filho, juntaram suas economias e decidiram fundar, em 15 de outubro de 1956, o curso de madureza Santa Inês.

O grande sucesso do curso, de acordo com os seus fundadores, não se deu apenas pela ampliação das vagas ou pela preocupação em estimular debate e crítica, mas também pela produção de seu material didático.

O curso Santa Inês oferecia a seus estudantes apostilas gratuitas e isto era um grande diferencial na época, já que o curso de madureza era destinado a adultos com pouca condição financeira e as apostilas eram um grande incentivador no curso, pois reduziam os gastos dos alunos, que não precisavam comprar livros.

Com o crescente número de alunos e conseqüentemente com o aumento no número de apostilas, em 1962 foi criada a SESIL- Sociedade Editora do Santa Inês.

Em 1965, Anderson defendeu a criação de uma editora. O projeto estava encaminhado, mas ainda não tinha nome. O nome da editora surgiu nos intervalos de aula, na sala dos professores, que sugeriram *Ática*, por ser Atenas o berço da civilização grega e devido ao valor que esse povo dava à educação.

A Editora Ática nasceu, então, em 1965 e, no ano seguinte, seu catálogo já apresentava 20 títulos.

Em 1970, um livro didático intitulado *Estudo Dirigido de Português* foi publicado pela Ática, com uma tiragem de 400 mil exemplares, quantidade essa considerada assombrosa em relação aos livros editados até então.

Após essa experiência, foram desenvolvidos novos produtos e a Ática publicou textos didáticos destinados a outras disciplinas: Ciências, Geografia, História e Matemática.

O livro didático passou a usar recursos para atrair os estudantes: fartas ilustrações em cores; uma linguagem agradável e direta; inclusão de história em quadrinhos, buscando uma leitura mais fácil e amena, composta de texto e imagem.

Para conquistar mais professores, a editora criou o Manual do Professor, com as respostas dos exercícios dos livros didáticos destinados aos alunos.

Além do material didático, a Editora Ática inaugurou a era das obras para leitura extra-classe lançando a série "Bom Livro", que popularizava e

modernizava os clássicos das literaturas brasileira e portuguesa. O livro didático passou a divulgar livros da própria editora, uma forma de *marketing* bastante interessante.

Com o sucesso da série “Bom Livro”, a Editora Ática percebeu o público jovem como promissor e resolveu ampliar suas publicações com histórias de ação e suspense, com a série “Vaga-Lume”, lançada em 1972.

Em 1977 surgiu nova série: “Para Gostar de Ler”, coleção de crônicas, um gênero atual e atraente pela sua linguagem contemporânea e textos curtos, de autores como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga e outros.

Mais tarde, essa coleção passou a incluir outros gêneros, de poesia a contos, colocando grandes autores, como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Mário de Andrade, por exemplo.

Na trajetória da Editora Ática, podemos dizer que esteve intimamente articulada às políticas educacionais de educação e a uma proposta de projeto editorial renovador, tanto do ponto de vista dos temas, quanto da parte gráfica, sempre modernizando a linguagem visando a seu público consumidor.

Em 1999, a Ática foi comprada pela Editora Abril em parceria com o grupo franco-espanhol Havas Anaya, controlada pelo grupo francês Vivendi, ampliando-se o capital e os projetos iniciados por Anderson Fernandes Dias, seu presidente até 1988.

3.2-Histórico : Editora Companhia das Letrinhas

O estudante de administração da Faculdade Getúlio Vargas, Luiz Schwarcz, a pedido de Eduardo Matarazzo Suplicy, chefe do Departamento de Economia daquela Faculdade, aceitou o convite de estágio na editora Brasiliense e, logo, após tornou-se o braço direito do dono da mesma, Caio Graco Prado.

Em 1986, logo após comunicar que se afastaria da empresa, Schwarcz fundou a Companhia das Letras, que funcionou durante algum tempo no fundo da gráfica Cromocard, de propriedade da família, no bairro paulistano da Barra Funda.

Em 1992, criou-se um selo, a Companhia das Letrinhas, dirigido à literatura infantil, que trazia como proposta editar livros afinados com a sensibilidade infantil, capazes de mobilizar nas crianças sua capacidade cognitiva, seus desejos de auto-expressão, sua necessidade de ir organizando o mundo.

Em 1994, a Editora lançou a Companhia das Letras, voltada para pré-adolescência e adolescência , livros de ficção e não ficção, obras de interesse para diferentes faixas etárias.

Literatura e ciências humanas foram, desde o início, as duas principais linhas editoriais da Companhia das Letras.

Schwarcz parte do princípio de que o livro é sobretudo alternativa de lazer e, como tal, uma opção, entre outras, à disposição do público consumidor de produtos culturais. Há o apelo da televisão, dos videogames e, para

concorrer com tudo isso, a editora se propõe a editar livros com qualidade de texto e produção gráfica que sejam um convite à leitura, ao prazer.

4-Catálogos- a materialidade do que está sendo produzido e consumido no mercado editorial de livros

Os catálogos editoriais revelam um projeto editorial pensado e imaginado por aqueles que os organizam. São veículos na trajetória de circulação de livros infantis nas escolas, delineando para quem são destinados os materiais de divulgação.

É por meio dos catálogos que podemos rastrear o que está sendo produzido e o que já é uma tradição em literatura infantil. Por meio deles, conseguimos um grande número de informações a respeito de um determinado livro no menor prazo de tempo e esforço, antes mesmo de se obter e ler o original. Além disso, podemos conseguir informações mais detalhadas sobre os autores.

Os catálogos dirigem-se principalmente ao professor, já que são eles os primeiros leitores dos livros infantis e os principais responsáveis pela indicação dos mesmos para a leitura pelos alunos. O professor avalia, qualifica e indica uma determinada obra ou autor.

Fica evidente que a preocupação maior dos editores, ao elaborarem um catálogo, é a de chamar a atenção para a ampla produção que oferecem aos seus leitores: livros de entretenimento, de auto-ajuda, reflexivos, identificados pelos temas ou gêneros textuais .

As estratégias adotadas pelas editoras para elaborar seus catálogos não variam muito de uma para outra. De maneira geral, apresentam suas obras mostrando as capas dos livros, o gênero, seus autores e ilustradores, eventuais premiações; inserem pequenos textos que dêem idéia ao leitor sobre o

assunto tratado na obra. O mesmo procedimento se dá em relação às obras poéticas inseridas nos catálogos.

As diferenças estão muito mais ligadas ao tipo de leitor-consumidor que cada uma quer atingir. É aí que se notam os princípios que nortearam o projeto editorial.

A escolha das obras, de maneira geral, inclusive do gênero poético, está, portanto, intimamente relacionada às concepções de leitor e leitura e também à trajetória histórica dessas editoras.

No caso da editora *Ática*, fundada em 1965, aproveitando-se do momento de modernização do país (década de 70), os editores aproveitaram-se também das facilidades que os governantes davam àqueles que produzissem e distribuíssem livros infanto-juvenis, principalmente se estes fossem de autores brasileiros. O livro, naquele período, assumiu um papel importante na sociedade.

Como aponta Oliveira (2003,p.31), em seu relatório final de pesquisa de iniciação científica intitulado *Uma Leitura dos Catálogos de Livros infantis*:

Na trajetória da editora *Ática* podemos dizer, que esta editora sempre esteve intimamente articulada às políticas governamentais de educação e a uma proposta, segundo a editora, de projeto editorial renovador tanto do ponto de vista dos temas e conteúdos, quanto da parte gráfica visando a seu público consumidor. Podemos dizer ainda, que esta editora desde seu início soube beneficiar-se da tradicional aliança “escola literatura” na sociedade brasileira.

Já na *Companhia das Letrinhas*, que surge num outro momento da história do Brasil, 1986, quando o país passava por um período de transição política em que a ditadura declinava e o país vivia uma abertura política maior, a área educacional-pedagógica também acompanhou essas mudanças, que repercutiram no âmbito escolar. A editora, neste cenário, trouxe como proposta:

...editar livros afinados com a sensibilidade infantil, capazes de mobilizar nas crianças sua capacidade cognitiva, seus desejos de auto-expressão, sua necessidade de ir organizando o mundo. Livros que sejam para elas uma experiência cada vez mais perceptível de independência.

(fonte: <http://www.companhiadasletras.com.br>)

4.1-Em foco, editoras: Ática e Companhia das Letrinhas

4.1.1-Editora Ática

No ano de 2004, a Editora *Ática* comemorou 30 anos de trabalho com livros infantis e lançou seu novo catálogo com obras que marcaram a infância de muitos leitores, além de outras, inéditas — de autores brasileiros e estrangeiros.

O catálogo de 2004 desta editora possui 176 páginas; as 538 obras estão distribuídas obedecendo a uma organização explicitada logo nas primeiras páginas pela própria editora, que ensina o usuário a consultar o catálogo:

- I) Os livros aparecem classificados por sugestão de faixa etária. Pois, “para gostar de ler, a criança deve ter acesso a livros adequados ao seu grau de desenvolvimento e ao nível de sua maturidade, além do grau de domínio da leitura que faz. Só o professor pode decidir qual o livro mais adequado para seus alunos”.
- II) Livros de acordo com a origem e tipo de texto, como: contos de fada e histórias da tradição universal; histórias contemporâneas de autores estrangeiros ou de autores brasileiros; histórias do folclore brasileiro, etc.
- III) Demais informações, como ficha técnica; coleção a que o livro pertence; resumo do conteúdo; tema principal; faixa etária; prêmios recebidos, etc.
- IV) Índices : Há quatro (4) índices diferentes para as obras literárias (por títulos, por autor, por tema e índice exclusivo para os livros informativos).

A editora Ática procura orientar o leitor-professor a percorrer o catálogo por meio de uma organização: sumário, índice, cores diferentes, origem e/ou

gênero de texto: histórias contemporâneas de autores brasileiros ou estrangeiros, histórias do folclore brasileiro ou histórias da tradição universal e contos de fada; além disso, indica a coleção ou série a que pertence cada livro. Exemplo: Coleção "Vaga-lume", Coleção "Fábulas", Coleção "Poesias"; Série "Clara Luz"; Série "Barra Manteiga", etc.

Segundo Oliveira (2003), em seu trabalho *Uma leitura dos catálogos de livros infantis*,

o catálogo mostra sua "cara", adiantando no sumário sua característica classificatória, orientadora, descontínua, fragmentada, que nos leva a outros lugares. O sumário complementa sua apresentação e, para fazer efetivas prescrições, utiliza-se de cores fortes e contrastantes que levam o olhar aos lugares que a editora julga necessário pontuar. Orienta um leitor-professor que, segundo sua visão, deve encontrar com segurança e de maneira rápida o livro certo para o leitor certo.

A mesma estratégia a editora tenta utilizar em relação à organização por coleção ou série; bastaria, portanto, o professor seguir as orientações apresentadas pela editora para não errar em sua escolha.

A organização do catálogo através da cor diferente para cada idade, além de facilitar o encontro do assunto (ou texto) para a idade adequada, auxilia o professor, por ser mais fácil memorizar a cor do que guardar o número de páginas, séries ou seção.

Além da divisão por faixas etárias e cor, utilizada como estratégia pelas bibliotecárias nas bibliotecas escolares, o catálogo apresenta a obra pelo gênero.

Sobre a leitura do catálogo, por parte do professor, Oliveira (2003, p.58) sugere que

os editores procuram controlar a leitura e pesquisa no catálogo através de informações que levam a outras informações que eles julgam

necessário o professor ter acesso e, se é caminhando pelas páginas do catálogo que o conhecemos, acaba sendo também através dos inúmeros caminhos que os editores nos levam a percorrer.

O professor é encaminhado/conduzido a “navegar” pelo catálogo de forma fragmentada, descontínua: um texto leva a um outro “lugar”, que leva a outro, com informações adicionais e diversas sobre as obras.

Mesmo sendo o catálogo um material de consulta, não exigindo uma estrutura com linearidade, esta forma de apresentação, ao contrário de facilitar a leitura, acaba tornando-a cansativa pelo excesso de informações que o professor se vê quase que obrigado a receber, mesmo não sendo de seu interesse. Porém, é por intermédio dessa redundância de informações, idas e vindas pelas páginas do catálogo, que a editora cumpre seu objetivo de “capturar” o leitor-professor, levando-o a adquirir para si próprio e/ou indicar para seus alunos pelo menos uma obra do acervo ali mostrado.

Todas essas informações presentes no catálogo não incluem menção alguma à autonomia do professor, quer para a escolha da obra (já que, com todas essas “pistas”: autor, ilustrador , imagem da capa, título e pequeno resumo, seria desnecessário o professor fazer um aprofundamento maior para efetivar sua escolha), quer para a forma de utilização do livro. Ao contrário, não apenas deixa implícita a idéia de que, para o professor, o mais importante (e já um grande facilitador) seria ter, de antemão, selecionados pela editora, os conteúdos pedagógicos para trabalho em sala de aula, como também sugere que tais conteúdos já devem, de preferência, estar inseridos nas “normas e regras” escolares que seguem as orientações e sugestões dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), os quais atendem às políticas públicas

educacionais através das temáticas selecionadas (ex.: temas transversais; ética, cidadania, meio ambiente...).

Sob este aspecto, a editora mostra-se muito bem preparada para atender aos anseios do professor, já que ela — conhecedora dos conteúdos das obras e das faixas etárias às quais elas se destinam — estaria mais apta a preparar as atividades e “sugeri-las” aos professores.

Na intenção de ajudar o professor, a editora acaba por desautorizá-lo em sua autonomia, colocando-o numa condição de não competente para escolher e indicar livros a seus alunos.

Conforme Oliveira (2003, p. 57), toda essa “organização” em torno das obras inseridas no catálogo da *Ática* parece indicar, portanto, a imagem de professor-leitor que a editora tem: um professor que não está preparado, não sabe escolher uma obra pelo “valor” literário que ela possui; que não tem repertório de leitura e por isso não se sente capaz e preparado para criar ele mesmo propostas para seus alunos; que só sabe utilizar as obras com uma única finalidade: uso didático; que, por não ter tempo para pesquisar, considera-se favorecido ao encontrar as atividades preparadas pelas editoras, pois estas o ajudariam a atingir mais rapidamente seus propósitos pedagógicos.

Quanto aos autores dos diversos gêneros, olhando para o catálogo da editora *Ática*, podemos perceber que é maior o número de nacionais em relação aos estrangeiros. Os escritores que fizeram parte do chamado “boom” da literatura infantil brasileira, como Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Fernanda Lopes Almeida, Mary e Eliardo França, José Paulo Paes, estão muito presentes no catálogo com as obras que os consagraram, por ainda

conquistarem fiéis leitores. Mas há também lançamentos desses mesmos autores inseridos no catálogo.

A presença de “novos” autores, ao lado dos “clássicos”, parece revelar a necessidade que toda editora tem de renovar seus autores, temas e gêneros, favorecendo o consumo de diferentes tipos de livros e estilos textuais, o que aponta para a idéia de que a editora pretende conquistar leitores cuja formação se faz através de uma quantidade e também de uma variedade de textos. Aliás, esta é a sugestão dada pelos PCNs (1998), ou ainda por autores como Geraldi (2001) e Abreu (2000: 122-123), citados em Oliveira, 2003:

É relativamente recente também a idéia de que o bom leitor lê muitos e variados textos. Durante séculos a quantidade de impressos disponível era pequena, seu preço elevado e o livro - mesmo que não tratasse de tema religioso – era muitas vezes sacralizado. O bom leitor era aquele que lia pouco, lia com freqüência e meditava muito sobre escritos.

4.1.2-Entre gêneros, temas e autores : a poesia

Das 538 obras do catálogo da Editora *Ática*, dezesseis (16) títulos são de obras poéticas, sendo dois (2) lançamentos.

Os lançamentos em geral vão da página 6 a 31, perfazendo 13 páginas do catálogos lançamentos de poesia estão nas páginas 10 e 11. Parte do catálogo intitulada Coleção “Poesia para Crianças” traz dois autores: Fernando Paixão, com o livro *Dia Brinquedo*, e Ricardo Silvestrin, com *É tudo Invenção*. Nestas páginas há um pequeno histórico desses dois autores, fazendo uma também breve menção aos ilustradores de suas obras.

De Fernando Paixão, neste pequeno texto, a editora destaca o valor que ele dá à poesia em sua vida, contando que aos 6 anos de idade já havia pensado em ser escritor, mais precisamente poeta. O próprio autor, neste mesmo texto, diz que, quando lhe perguntam sobre o que é a poesia, responde: “Não sei, não sei mesmo o que é, sei apenas que a poesia põe as palavras em pé.”

Ao apresentar a obra *Dia brinquedo*, a *Ática* destaca que “tudo é possível no mundo da poesia de Fernando Paixão. Um mundo encantado em que as palavras brincam com a criança, estimulando a sensibilidade com bom humor”. Fica claro que a editora quer mostrar o quanto este autor fala com as crianças através de uma linguagem lúdica, de maneira simples e engraçada, brincando com as palavras e que será através disso que atingirá o gosto infantil e agradará às crianças.

Sobre o ilustrador, a editora sugere que suas ilustrações e o texto se encaixam muito bem e cumprem o mesmo papel: o de brincar com as crianças

não somente através de um bom texto, mas também através de imagens de qualidade, que encantam o pequeno leitor. O texto apresentado pelo editor diz: “as ilustrações tão coloridas, alegres e brincalhonas comprovam o talento da artista Suppa.” Indica, também, que o leitor encontrará, na página 144, outra obra do mesmo autor: *Poesia a gente inventa*.

De Ricardo Silvestrin, a editora, além de apresentar o pequeno histórico de sua vida, conta que ele “é um grande inventor. Além de poesia, inventa histórias em quadrinhos, música, propaganda, peça de teatro”. A editora diz também que “ele agora inventou de gravar um CD e fazer filme”. Além disso, a editora destaca que Ricardo Silvestrin já teve dois de seus livros premiados no Rio Grande do Sul como os melhores do ano.

Do livro *É tudo invenção*, o catálogo destaca que “Tudo tem uma explicação [...] nem que seja uma explicação inventada.” Diz ainda o texto: “O autor dá sua versão bem-humorada sobre a invenção das coisas, mostra que a própria poesia é também invenção.” A estratégia da editora parece ser a de mostrar o quanto este poeta é criativo, inventivo, livre, lúdico e bem-humorado em sua forma de linguagem. De uma forma geral, estas são características inerentes à infância, e a editora acredita que estes aspectos agradarão muito aos pequenos leitores.

Ao tratar das ilustrações de Luiz Maia, a editora afirma que elas “complementam as invenções do poeta”. Diz também que: “o leitor vai rolar de rir com os personagens, as situações e os cenários deste premiado artista.”

Portanto, fica claro que, conforme ressalta Oliveira (2003, p53),

a editora chama a atenção para dois aspectos: a importância de se ter uma poesia de qualidade literária que atenda aos critérios dos leitores

mais 'privilegiados', mais exigentes, talvez os professores, e a necessidade de que esta poesia esteja à altura do entendimento e gosto do leitor infantil.

Seria mais uma estratégia da editora mostrar que, a partir de uma seleção de obras de qualidade (quanto ao texto e também quanto aos aspectos gráficos), algumas inclusive premiadas, ela estaria incentivando a leitura e conquistando leitores para este gênero literário.

Embora numericamente o total de obras poéticas seja bastante inferior aos demais gêneros, a editora parece reconhecer a importância da poesia na formação de leitores, justificando a necessidade de se trabalhar com poemas em sala de aula.

O texto que “abre” o gênero poesia nos permite confirmar essa suposição:

Desde pequenas, as crianças ficam atentas aos sons das palavras, sendo capazes de apreciar a audição de poemas simples e cheios de ritmo. Daí a importância que a poesia desempenha na formação de leitores, ajuda a aguçar a sensibilidade para alguns importantes recursos expressivos de que a língua dispõe. Por isso, ler ou ouvir poesias é sempre enriquecedor nos trabalhos com língua portuguesa em sala de aula, além, é claro, de fazer a criança crescer vendo o mundo com outros olhos, com mais sensibilidade, mais emoção.

Observe-se que este pequeno texto de apresentação das obras poéticas — que destaca a importância desta linguagem para a criação e o desenvolvimento de uma sensibilidade e maneira nova de ver o mundo, acompanhada de palavras como: “invenção”, “diversão”, “brincadeira”... — enfatiza ainda a importância de um trabalho voltado à língua portuguesa em sala de aula. A sonoridade e a ludicidade das palavras são caracterizadas como traços que compõem e ajudam o conhecimento da nova língua.

Ao folhearmos todas as páginas do catálogo, percebemos que são numeradas e organizadas de acordo com o tipo de texto ou gênero textual. Isto acontece também com a parte do catálogo destinado às poesias. As páginas destinadas à “Coleção Poesia” vão da página 144 à página 147, perfazendo, portanto, quatro páginas ao todo.

Na parte superior da página que apresenta esta coleção aparece o nome do autor da maioria das poesias: nove em 16 poesias do catálogo de 2004, sendo que 3 das 9 são traduções de grandes escritores do mundo (Lewis Carrol, Edward Lear e Federico Garcia Lorca). Os outros poetas e o número de suas obras que constam neste catálogo são, respectivamente: Fernando Paixão(2), Ricardo Azevedo(2), Mário Quintana(1), Ricardo Silvestrin (1) e Cinéas Santos (1). Em relação ao gênero poesia, dentre os autores nacionais podemos encontrar: Ricardo Silvestrin, Fernando Paixão, Mario Quintana, Ricardo Azevedo, José Paulo Paes, mas há também os estrangeiros como: Lewis Carroll, Edward Lear, Federico Garcia Lorca.

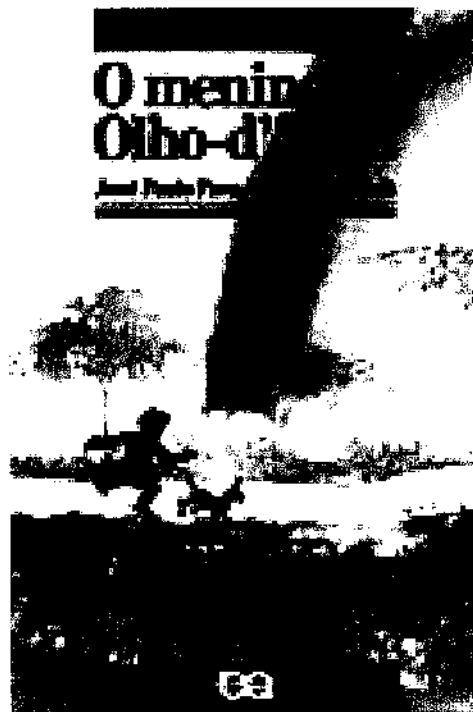
Esta análise da relação de obras poéticas revela a predominância de autores consagrados, o que nos leva a pensar que os editores buscam legitimidade, porque, ao inseri-los, estão garantindo de certa forma o sucesso e a venda.

Porém, em uma crítica sobre a inadequada escolarização da literatura infantil e, em nosso caso, da poesia infantil, Soares (2003) diz que, ao selecionarem para seus catálogos, em sua maioria, autores e obras amplamente consagrados, as editoras esquecem-se da diversidade de poetas existentes, podendo ocasionar uma visão limitada da poesia destinada à infância.

4.1.3-Apresentação de uma obra

Os critérios ou elementos que a Editora *Ática* utiliza ao apresentar as obras poéticas do catálogo são: a coleção a que o livro pertence; ilustração da capa; título da obra; nome do autor; ilustrador; número de páginas; formato do livro; resumo do conteúdo; o(s) tema(s). Em alguns casos há ainda um trecho da obra, a sugestão da faixa etária para quando a leitura for compartilhada com um adulto ou para quando o livro for manuseado pela própria criança, além dos prêmios recebidos.

Veja-se, na obra apresentada abaixo, o conjunto de informações que a acompanham:



O menino de olho- d'água

Texto: José Paulo Paes

Ilustração: Rubens Matuck

40 págs

Em versos e prosa, a amizade entre um menino e um velho
que, juntos, trazem a vida de volta à seca e triste
cidade onde moram.

Tema Transversal: Meio Ambiente

PRÊMIOS:

FNLIJ – Prêmio Ofélia Fontes de Melhor Livro de Literatura Infantil

UBE – Prêmio Adolfo Aizen Categoria Infantil

Prêmio Luís Jardim – Melhor Livro da Categoria Infantil

Logo no alto da primeira página, aparece o nome da coleção na qual esta e todas as outras poesias estão incluídas: Coleção “Poesias para Crianças” e, em letras minúsculas, pode-se ler: “Leitura acompanhada a partir de 6 anos. Tema: Vários.”

Há, também, na parte superior da página 146, um pequeníssimo texto, com algumas informações pelo qual talvez tente contextualizar o novo leitor, que ela quer conquistar, dando-lhe algumas informações, mesmo que poucas, sobre este autor tão presente nesta coleção; parece, também, querer instigá-lo a ler outras obras suas. O texto é o seguinte:

José Paulo Paes é um dos poetas mais queridos das crianças brasileiras.

Há um outro aspecto importante, que são as premiações. Quando a editora apresenta as premiações recebidas por José Paulo Paes, ela reforça a idéia do quanto este autor “é bom”. Todas as obras dele, inseridas neste catálogo, mereceram premiações, às vezes mais de uma.

Na página 145, citam-se três (3) obras traduzidas por José Paulo Paes, a respeito das quais a editora ressalta que o autor “selecionou e traduziu poemas de grandes escritores do mundo.” Inclusive, duas delas já foram premiadas: *Rimas do país das Maravilhas*, de Lewis Carrol,¹ e *Sem cabeça nem pé*, de Edward Lear. A terceira obra é um lançamento: *Os encontros de um caracol aventureiro*, de Federico Garcia Lorca.

Obras de escritores, ilustradores e inclusive tradutores famosos e premiados ofereceriam a garantia quase certa de vendagem, tão objetivada pela editora em todo o seu catálogo .

Os editores lançam mão, ao explicar como consultar o seu catálogo de obras poéticas, de um elemento denominado por eles “Temas Principais”, nos quais se incluem: Datas Comemorativas, Temas Transversais e Temas Diversos.

Como exemplo de Datas Comemorativas, podemos citar as obras: *É tudo invenção*, de Ricardo Silvestrin, que a editora sugere ser trabalhada no Dia do inventor (4 de novembro) e *O menino que descobriu as palavras*, de Cinéas Santos, para ser trabalhada no Dia da alfabetização (8 de setembro).

O Tema Transversal sugerido em algumas obras nos permite perceber a preocupação que a editora tem em responder às necessidades dos professores quanto às questões educacionais. É o caso de *O menino de olho-d’água* e

Olha o bicho, de José Paulo Paes, que foram incluídos na temática “Meio Ambiente”.

A maioria das obras poéticas recebeu menção “Vários”, o que sugere que se encaixam em temáticas diversificadas, como é o caso da terceira categoria “Temas Diversificados”. Nesta última foram incluídas algumas outras obras poéticas, que abordavam: aventura, criatividade, família...

A tematização das obras, aliada à sugestão de adequação dos livros a determinada faixa etária, pode estar associada à intenção de “ajudar” o trabalho do professor em sala de aula, já que ela pode servir como mais um facilitador da escolha do professor por uma determinada obra do catálogo.

A editora também lançou mão do recurso da cor (verde-água) para o enquadramento das obras que tinha a intenção de destacar: os lançamentos *É tudo Invenção* (Ricardo Silvestrin) e *Dia Brinquedo* (Fernando Paixão). Outras duas obras também foram ressaltadas, sendo uma delas *O menino que descobriu as palavras* (Cinéas Santos). Nesta aparece escrita a frase: “Leia também” e, a respeito da outra obra, *Os encontros de um caracol aventureiro*, vem a seguinte indicação: “Para as crianças maiores”.

Esses destaques parecem dar continuidade à estratégia da editora de garantir a vendagem de seus livros. E também revelam a idéia de que é ela quem sabe, melhor do que ninguém, o nível de maturidade, o grau de desenvolvimento e o domínio de leitura que a criança de cada faixa etária tem.

Ao apresentar os títulos poéticos, porém, a editora não faz referência a uma faixa etária específica, como para os demais gêneros (narrativos, contos de fada, aventura, textos para alfabetizar); demonstra, dessa forma, considerar as obras poéticas como um grupo, no mínimo, diferente. De fato, a análise do

catálogo sugere que os livros de poesia receberam por parte da editora uma “liberdade” maior: logo na página 2, ensina como consultar o seu catálogo e insere os livros de poesia entre os que podem ser lidos por crianças da 1ª à 4ª série (ou a partir de 6 anos).

Todos os demais livros, porém, aparecem classificados por faixa etária: de 0 a 5 – Educação Infantil; de 6 a 7 anos; de 8 a 9 anos; e de 10 a 11 anos.

Ao colocar as poesias numa generalização maior (1ª a 4ª série), estaria a editora acreditando que este gênero literário é mais difícil de ser classificado em níveis de escolaridade?! Estaria sugerindo que poesia é uma forma de linguagem que pode ser lida em qualquer idade?!

Os quadros abaixo ilustram as afirmações que acabamos de fazer:

Título	Autor/Tradutor	Ilustrador	Assunto/Tema transversal	Série	Premiações
É tudo invenção	Ricardo Silvestrin	Luiz Maia	Criatividade	A partir de 6 anos	_____
Dia Brinquedo	Fernando Paixão	Suppa	Vários	A partir de 6 anos	_____
Poesia a gente inventa	Fernando Paixão	Lizmedeiros	Vários	De 1º a 4º	_____
Pé de pilão	Mário Quintana	Cárcamo	Aventura	De 1º a 4º	PNBE – 1999
A casa do meu avô	Ricardo Azevedo	Ricardo Azevedo	Família-Pessoas queridas	De 1º a 4º	Jabuti – Melhor livro infantil ou juvenil
Dezenove poemas desengonçados	Ricardo Azevedo	Ricardo Azevedo	Vários	De 1º a 4º	Jabuti – Melhor livro infantil
Rimas do país das maravilhas	Lewis Carroll / José Paulo Paes	Mariana Massarani	Vários	A partir de 4 anos	FNLIJ Jabuti – Melhor ilustração de livro infantil

Sem cabeça nem pé	Edwad Lear / José Paulo Paes	Luiz Maia	Vários	A partir de 4 anos	FNLIJ- Altamente recomendável para a criança na categoria tradução
Os encontros de um caracol aventureiro	Federico Garcia Lorca/ José Paulo Paes	Odilon Moraes	Vários	A partir de 10 anos	_____
Um passarinho me contou	José Paulo Paes	Kiko Farkas	Vários	A partir de 6 anos	Jabuti – Melhor livro infantil. FNLIJ – Altamente recomendável para a criança
Vejam como eu posso escrever	José Paulo Paes	Alex Cerveny	Vários	A partir de 6 anos	FNLIJ – Altamente recomendável para a criança na categoria poesia
Lé com cré	José Paulo Paes	Aley	Vários	A partir de 6 anos	FNLIJ – Prêmio Odylo Costa Filho. FNLIJ- Prêmio Malba Tahan
O menino que descobriu as palavras	Cinéas Santos	Gabriel Archanjo	Vários	A partir de 3 anos	_____
Poemas para brincar	José Paulo Paes	Luiz Maia	Vários	A partir de 6 anos	FNLIJ Jabuti – Melhor livro infantil Jabuti- Melhor ilustração
O menino de	José Paulo Paes	Rubens	Meio	A partir de	FNLJ – Prêmio

olho d'água		Matuck	ambiente	6 anos	Ofélia Fontes UBE – Prêmio Adolfo Aizen Prêmio Luis Jardim
Olha o bicho	José Paulo Paes	Rubens Matuck	Meio ambiente	A partir de 6 anos	FNLIJ – Altamente recomendável para a criança

Porém, mesmo demonstrando essa “liberdade”, a editora insistiu no mesmo critério usado para os demais livros do catálogo, ou seja, oferecer a leitura com função didática e não apenas como fruição.

4.1.4-Companhia das Letrinhas

O catálogo das “*Companhia da Letrinhas*” do ano de 2004 possui 142 páginas subdivididas em dois catálogos: *Companhia das Letrinhas* (que vai da página 4 até a página 105) e o da *Companhia das Letras* (que vai da página 108 à página 133). Na página 135 tem início o Índice Remissivo, indo até a página 140 e, nas páginas 141 e 142, encontram-se informações dos Estados brasileiros onde são distribuídos os livros desta editora.

A parte correspondente à *Companhia das Letrinhas* — que é de nosso interesse — é composta de 243 obras, iniciadas na página 04, indo até a página 105, perfazendo, portanto, 101 páginas ao todo.

Da página 108 à página 133, apresentam-se as obras da Companhia das Letras, destinadas a um público leitor capaz de uma leitura mais densa. O catálogo da Companhia das Letras possui 84 obras e, entre essas, há dois CD-ROMS (*O Mundo de Sofia* de Jostein Gaarder e *Letrinhas Eletrônicas*).

Vários aspectos nos chamam a atenção, ao fazermos a leitura deste catálogo:

Segundo Oliveira (2003), que analisou o catálogo da Companhia das Letrinhas, a editora parece desvinculada da preocupação de indicar seus livros por série/ciclo e idade e confiante em que o leitor, além de saber o que quer, possua um repertório de leitura que o torna capaz de escolher seus livros pela própria preferência ou pelo “valor” literário das obras; aposta não somente em autores consagrados, como é o caso de José Paulo Paes, Vinícius de Moraes e Tatiana Belinky, mas também em autores novos, menos conhecidos ou

estrangeiros, como Lalau, Ricardo Cunha Lima, Marcelo R. L. Oliveira e Corinne Albaut, Sophie Arnoud e outros.

Pela forma como apresenta suas obras, esta editora mostra que aposta num leitor, diferenciado, capaz de escolher os livros que quer ler; que considera que este leitor não precisa da mediação de outros, a ensinar-lhe como ler e o que fazer a partir do que leu. Parece confiar na autonomia de quem lê e em sua decisão final pela escolha de um determinado livro (seja porque leu o pequeno texto apresentado pela editora sobre o livro e gostou; seja por conhecer o autor; seja pela temática; seja pelo título ou pelas ilustrações). Leitor este que, para a editora, já é autônomo quando não se mostra dependente de orientações pedagógicas para entender o livro e trabalhar com ele.

A *Companhia das Letrinhas* vem publicando, desde 1999, um “Caderno de Leituras” que faz considerações a respeito da escrita e da leitura nos diferentes estágios de aprendizagem do aluno. A análise desse material — que normalmente vem desvinculado dos catálogos, em publicação separada e independente daqueles — nos leva a crer que a editora, embora possa ter (e certamente tem) objetivos comerciais com esse “Caderno de Leituras”, continua a respeitar a competência de seu futuro leitor para escolher seus livros e trabalhar com eles, uma vez que a orientação oferecida não está atrelada à relação de livros divulgada em seus catálogos, nos quais nem mesmo a adequação à idade do futuro leitor é mencionada.

Por não separar os livros por faixa etária, não destacar lançamentos, não “ensinar” como consultar o catálogo, além de não fazer menção alguma de que se destina ao professor como mediador entre a obra e leitor, a editora leva

seu leitor a supor que ela acredita que há um leitor competente diante de seu catálogo; o leitor se vê quase que “obrigado” a folhear todas as páginas, ler os textos e apreciar as gravuras/imagens, pois isto fará com que se sinta estimulado, curioso em relação às obras, podendo fazer sua opção. Não é sem intenção, portanto, que a editora valoriza tanto o aspecto gráfico de seu catálogo.

Assim, esta é a concepção e a proposta da editora: oferecer livros que agradem a todos e a todos os gostos pela qualidade dos textos e pela produção gráfica que a editora julga ter. Tal proposta e tal concepção podem ser percebidas desde a história da “fundação” da editora, que comprova que, para o fundador, leitura é fruição e prazer, assim como o ensino de leitura. Para esta editora, ao ler os bons livros, que ela julga estar disponibilizando por intermédio do seu catálogo, o leitor- infantil já estará se formando bom leitor e Conforme diz Oliveira (2003 p.39) este mesmo leitor, hoje criança, poderá, amanhã, ser o leitor adulto de sua produção.

Além disso, duas outras atrações buscam cativar aqueles que folheiam o catálogo: os trechos — retirados de obras de autores consagrados (Jorge Luis Borges, Franz Kafka e Alberto Manguel), que falam sobre o livro e sobre a leitura — utilizados pelo editor, nas páginas 03 e 107, para apresentar os catálogos; ilustrações que remetem os leitores à idéia de imaginação e fantasia.

Destacamos, para um breve comentário, o texto da página 03 do catálogo da Companhia das Letrinhas:

Dos diversos instrumentos do homem, o mais
assombroso é sem dúvida, o livro.
Os outros são extensões de seu corpo.
O microscópio, o telescópio, são extensões da vista; o
telefone é extensão da voz;
temos o arado e a espada, extensões do braço.
Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da
memória e da imaginação

(Jorge Luís Borges,
"O livro", conferência pronunciada na Universidade de Belgrano,
Buenos Aires, 24 de maio de 1978)

Como se pode ver, o catálogo abre suas páginas apropriando-se das
palavras de Borges, que dá ao livro um lugar privilegiado no mundo tecnológico
para endossar a importância deste instrumento, desta invenção na formação do
homem e na história cultural da humanidade.

Outros trechos, como o da página 107 do catálogo da Companhia das
Letras, reforçam, complementam a importância da leitura de livros:

Alguns livros funcionam como uma chave para as salas
desconhecidas do nosso próprio castelo
(Franz Kafka,
Diários)

A leitura é a mais civilizada das paixões
(Alberto Manguel,
Uma história da leitura)

Percorrendo as páginas deste catálogo, notamos o modo uniforme como
os títulos são mostrados ao possível futuro leitor:

Cada obra é apresentada pela sua capa e um breve texto que conta um
pouco sobre a história e sobre o gênero de cada um deles (lenda, folclore,
poema, conto, memórias, etc.).

Abaixo desse texto, aparecem o número de páginas que cada livro possui, o material utilizado em sua encadernação (tipo de papel); as medidas do livro, um código numerado (Ex: ISBN 85-85466-12-x) e, em alguns casos, os nomes dos tradutores e/ou adaptadores das obras.

A respeito de alguns livros, aparecem em destaque os prêmios por eles recebidos. Ex: FNLIJ (o nome da categoria no qual foi premiado e o ano da premiação). Exemplos: Prêmio Jabuti, Prêmio White Ravens e outros.

A imagem abaixo ilustra bem esses elementos:



Ri Melhor Quem Ri Primeiro

Poemas para crianças (e adultos inteligentes)

Seleção e tradução de José Paulo Paes

31 ilustradores

FNLIJ- Categoria Poesia – 1998

Cada um dos trinta e um poemas desta antologia foram ilustrados por um artista diferente. Escritos em português ou traduzidos de diversas línguas (inglês, francês, alemão, italiano, espanhol, dinamarquês e grego), são poemas que vieram de épocas e lugares diferentes da Grécia antiga por exemplo, veio “O careca e o outro sem cabelo”, de Fedro da França setecentista, “O rato da cidade e o rato do campo”, de lá Fontaine; da Suíça contemporânea há “História da janela nº 2”, de Heinz Manz *Ri melhor quem ri primeiro* foi um dos últimos projetos realizados por José Paulo Paes.

72 pp – Brochura – 26 x 20cm – ISBN 85-7406-026-7

Essa maneira de apresentar as obras, com tantos elementos que a elas acrescentam informações, facilita a escolha de um produto que está à distância, e é também uma forma de estimular o leitor a adquiri-las.

Há, também, a indicação da editora através de um texto sobre os autores e ilustradores (quem são, o que fizeram...).

A valorização explícita que a editora faz dos autores e ilustradores acaba justificando a presença das obras selecionadas que compõem o acervo do catálogo, que não agrupa as obras por gêneros, optando por organizá-las por coleções.

4.1.5-Da poesia impressa ao CD Rom

No gênero poesia, diferente do que ocorre com outros autores, José Paulo Paes e Lalau (além da ilustradora Laurabeatriz) são introduzidos ao leitor do catálogo através de uma breve apresentação por intermédio de pequenos textos. Isso se deve, talvez, à tentativa de mostrar que, além da importância que estes autores dão à literatura infantil, mereceram destaque por escreverem poemas voltados especificamente para os pequenos leitores.

O texto, transcrito na íntegra, permite pensar na importância que a editora dá a esta apresentação dos seus autores:

José Paulo Paes (1926-98), químico por formação, era ensaísta, tradutor e poeta. Uma vez ele disse que começou a traduzir porque não gostava de ler em língua estrangeira:gostava de ler na sua língua nativa, o português. Esses quatro livros são testemunho da seriedade com que tratava a literatura infantil. Tudo o que fez para as crianças virou jogo, alegria e leveza. (p.94)

O texto a seguir abre a coleção de poemas de Lalau com ilustrações de Laurabeatriz:

Os poemas de Lalau e as ilustrações de Laurabeatriz são brinquedos feitos de linguagem, e por isso favorecem na criança a confiança de que vale a pena explorar o mundo por meio de palavras. Escritor e ilustradora fazem com que as crianças prestem mais atenção às palavras, levando os pequenos leitores à surpresa e ao espanto da descoberta.(p 96)

De uma forma geral, ao enunciarem suas obras, o poeta e o ilustrador constroem a idéia de que a poesia é brinquedo, é exploração, é uma linguagem que provoca surpresa, espanto, estranhamento, é um jogo lúdico da linguagem.

Para eles, segundo o que podemos depreender do trecho extraído do catálogo, poesia é um trabalho da língua, com a língua, sobre a língua.

Como sabemos, há um discurso já construído em que a poesia, especificamente, é valorizada por alguns teóricos que reconhecem e afirmam a necessidade desse gênero.

As idéias e concepções da editora a esse respeito, manifestadas através das citações de Paes e Lalau, podem ser aproximadas de uma bibliografia crítica já produzida no Brasil a partir da década de 80 sobre a poesia.

Para Paz e Bordini, a poesia, com seu jogo de palavras, sintetiza imagens e sentimentos, provocando no ser humano introspecção e busca de significações, a atenção às mobilizações imagéticas e lingüísticas.

Segundo Sena (p.28-2004),

a poesia no encontro perfeito e intencional de forma e conteúdo inscrita num espaço em branco permite ao leitor o desencadeamento, a mobilização, o movimento tanto de relações intelectuais, quanto emocionais, sentimentais, impactando o indivíduo como um todo. Para a autora, a poesia tem sido considerada uma manifestação cultural de vital importância na educação do leitor escolar considerando que oferece ao leitor possibilidades múltiplas de sentidos, coloca-o em questionamento, desestabiliza-o.

Também para Russo (p.217, 1998),

o lúdico se concretiza no texto poético e permite o prazer da criação de imagens através de sons, ritmos e formas, proporcionando o desafio das formas e idéias, despertando emoções, sentimentos, possibilitando ainda, o enriquecimento cultural e o sentimento estético.

Lajolo, em seu livro *A Literatura Infantil* (1982), também explica porque a poesia pode ser encarada como jogo, como uma brincadeira para as

crianças, quando ela apresenta os elementos básicos deste gênero como sendo sons e ritmos. Sons, no sentido em que as repetições, as rimas criadas pelos poetas e que aparecem nos poemas devem gerar prazer e ser harmônicos. Ritmos, no sentido em que ela diz que são eles que “dão corpo” ao poema, dão vibrações que atraem e divertem as crianças porque elas identificam-nas como sendo um jogo ou uma brincadeira com palavras.

Mas Lajolo, ao apresentar seu conceito de poesia, alerta:

...para ser poesia, evidentemente, o poema precisa ser mais do que rimas e ritmos: ele deve nascer de um olhar inaugural. Isto é, descobrir nas coisas já vistas ou sabidas, um aspecto ou tonalidade novos. Poesia é arte, é a beleza descoberta em alguma coisa ou em nós; é um sentido especial que o mundo adquire de repente; é uma forma peculiar de atenção que, com simplicidade e verdade, vai até a raiz das coisas, para revelá-las de uma nova maneira. É pois, a esse poder de revelar o mundo, de maneira bela e essencial, e também devido ao caráter lúdico da linguagem poética (...) que nos parece urgente que um número cada vez maior de poetas se dedique a esta tarefa. (Lajolo, 1982-p.154)

4.1.6- Poesia

Das 101 páginas do catálogo da *Companhia das Letrinhas*, 16 são obras inseridas na categoria “Poesia”. Os livros de poesia, em sua maioria, foram apresentados como os demais livros do catálogo, ou seja, vieram misturados com outros gêneros: aparecem nas páginas com suas respectivas capas, seguidos de textos que falam um pouco sobre os poemas, sobre a importância das ilustrações que ajudam os leitores a prestarem mais atenção às palavras, sobre o espírito lúdico presente nos poemas, etc.

Observando o catálogo da editora, comecei a questionar-me por que um gênero de tanta importância apareceria no catálogo junto a outros gêneros. Assim, procurei levantar algumas hipóteses:

Estaria a editora pressupondo que o leitor de seus livros já seja bom leitor de literatura, e portanto, já saiba fazer a opção autonomamente pelo gênero poesia, reconhecendo-o como mais uma forma de expressão de cultura?! Acreditaria que seus leitores são tão bem formados, literariamente falando, que já sejam exigentes nas escolhas, no contato com poemas?! Pensaria que o público leitor de seus livros, mesmo formado por crianças, já estaria preparado a construir por si só o sentido do texto poético?! Julgaria que a diversidade espalhada entre as páginas do catálogo oferece ao seu leitor uma consulta menos direcionada e menos cansativa, menos monótona?

Como a editora não mostra preocupação em oferecer orientações pedagógicas ao professor sobre como ele deveria trabalhar os livros que adota, estaria ela considerando que a poesia deva ser ofertada às crianças como forma de proporcionar aos leitores situações de vivência, de expressão de

sentimentos. emoções e apontamentos de idéias e que, assim, elas já se estariam formando melhores pessoas, além de melhores leitores?!

A editora parece apresentar-se, no mercado editorial, diferentemente de outras editoras que categorizam, classificam por diferentes critérios as mesmas obras e, dessa forma, descaracterizam uma relação de sedução que a própria obra poderia ter com o leitor.

Sabemos que, nas escolas, o contato que as crianças possuem com a poesia é muito raro e, quando o possuem, é através do livro didático, de trechos e partes julgadas pelos autores e editores como as melhores para trabalho em sala de aula. Sabemos também que, muitas vezes, o que ocorre nos trabalhos propostos em sala de aula é um empobrecimento da poesia, as propostas feitas acabam por tirar-lhes a beleza.

Versiani (2000), acredita que a poesia não deveria estar a serviço de alguma coisa que se encontra fora dela. O que ela ensina, não se traduz, ela só diz através de si mesma.

Talvez sejam estas as idéias que orientam a editora *Companhia das Letrinhas* a optar por não fazer um julgamento quanto às opções pedagógicas de trabalho do professor em sala de aula e nem classificar as obras por temas “escolares”, por níveis de escolaridade. Ela insiste em afirmar que os títulos que ela apresenta são os “ideais” para o trabalho com as crianças, escolares ou não, e pressupõe um leitor adulto (professor ou não), formado, literariamente capaz de escolher e privilegiar os livros desta editora como sendo “os melhores” para oferecer aos seus leitores em formação.

A *Companhia das Letras* parece não querer ser identificada como uma editora de livros infantis destinados apenas a escolas, como também parece

questionar o uso da poesia especificamente como proposta pedagógica, conforme uma literatura crítica sobre o gênero.

Há muitas críticas quanto às atividades propostas para o trabalho com as poesias em sala de aula. Lajolo (1993), por exemplo, aponta para o uso de atividades e exercícios de leitura que “pirateiam textos, que direcionam a leitura, que barateiam a noção de compreensão e interpretação.”

Voltando à análise do catálogo, o texto que acompanha alguns dos livros de poesia destaca a importância do conhecimento de termos e procedimentos poéticos como: verso, estrofe, rima, métrica, etc, sendo um deles considerado, inclusive, como “um manual para aprender a ler poesia”.



DE CABEÇA PRA BAIXO

Ricardo Cunha Lima

Ilustrações de Gian Calvi

Um livro de poemas que ensina o que é poesia e que estimula o leitor a escrever seus próprios poemas. O autor lida com a linguagem de maneira lúdica, brincando com as palavras e com o modo de ver o mundo. Um de seus poemas, fala, por exemplo, de um aspirador de pó que era alérgico a ...pó: "Toda vez que era ligado,/já ficava todo inchado,/ Inteirinho empelotado". Levando o leitor aos "bastidores" do mundo poético, Ricardo Cunha Lima ensina que esse poema é um vilancico, forma típica da poesia espanhola da Idade Média. Rima, métrica, aliteração, soneto e antítese são outros conceitos explicados nesse delicioso livro de poemas que é também um manual para aprender a ler poesia. (p. 92)

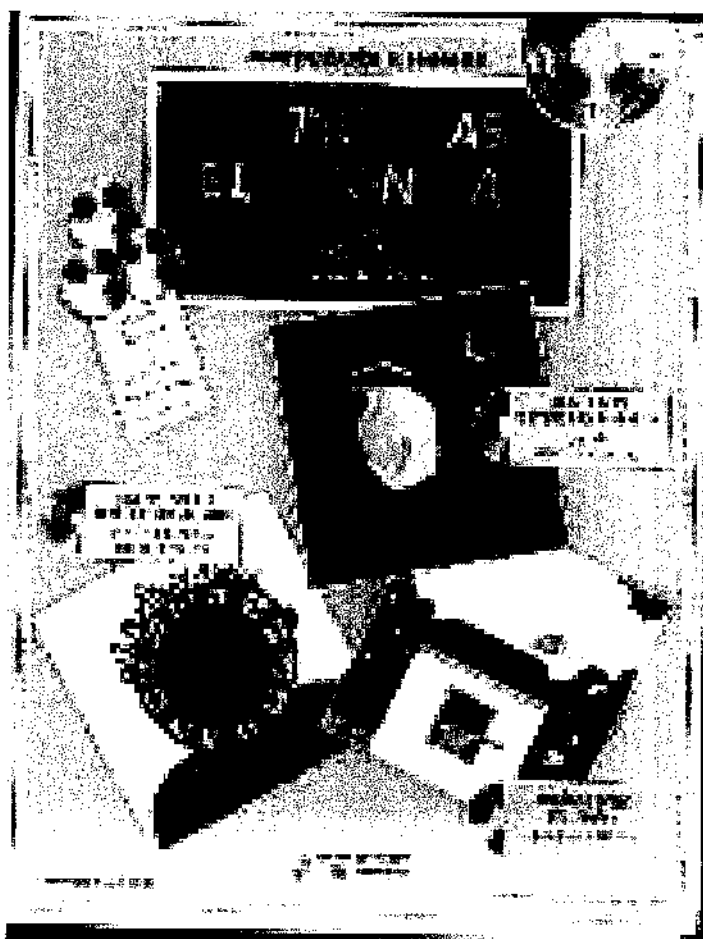
Embora a editora não se caracterize como aquela que destaca o uso dos livros para "aprender", não os vinculando às atividades didáticas próprias para cada ciclo e idade, de acordo com os temas transversais, no caso de *De Cabeça Pra Baixo* há um direcionamento para um determinado conteúdo curricular: linguagem poética. No trecho transcrito, a editora destaca a peculiaridade da obra que oferece: ela ensina como se produz esta linguagem poética e o que a singulariza.

O professor, para os idealizadores do catálogo, tem a função de oferecer bons livros aos seus alunos. Este seria, para a editora, o papel de maior relevância ocupado pelo professor. Novamente aponto a forma como esta crença e concepção de leitor e de leitura parece ir ao encontro do que acreditava e queria o fundador da editora: "leitura como prazer, fruição", de modo a concorrer, nos tempos atuais, com outros meios de comunicação, sendo uma opção a mais para os leitores.

Três livros infantis chamam a atenção dos leitores do catálogo, pois, embora os autores e ilustradores já sejam conhecidos pelo público, as obras vêm em suportes de texto diferentes: CD Rom *Um número depois do outro*, de José Paulo Paes, com ilustrações de Kiko; *Bem-te-vi e outras poesias*, de

Lalau, com ilustrações de Laurabeatriz; e *Aviãozinho de papel*, escrito e ilustrado por Ricardo Azevedo, lançado no formato eletrônico, em CD-Rom intitulado *Letrinhas Eletrônicas*, associando poesia e jogo.

Parece que a editora está preocupada com novas relações entre leitor e tecnologia, em que se tem em mente um amplo conceito de leitura que envolve imagens, sons, movimentos. Valoriza-se, no universo multimídia, um sentido de leitura que é deixado a cargo do leitor para navegar a partir de imagens visuais, ícones e atalhos.



Não se pode negar que esta prática é bem diferente daquela ensinada pelas escolas, nas quais se enfatizam textos com começo – meio – fim. Esses novos suportes vêm ampliar o universo das formas de expressão poética, tanto

na fruição quanto na criação poética, pois numa única máquina é possível circular diferentes formas de pensamento, percepção, organização entre outros, na tentativa de conquistar novos leitores que fazem uso desse suporte fora da escola. Nesta perspectiva, a editora, mais uma vez, parece estar conectada a discursos teóricos e acadêmicos sobre novos suportes de textos, em consonância com Christian de Portzamparc que, quando questionado sobre projetos arquitetônicos, afirmou não acreditar que o mundo esteja se tornando virtual, mas que “é mais um registro”:

Vivemos a partir de agora em dois, três, quatro planos diferentes, é isso. Uma parte de nós se tornou planetária com o fax, o telefone, e até mesmo teleconferências. Isso não deve eliminar a relação com os outros, nem o ato de comer, nem o ato sexual. A imprensa e Gutemberg não fizeram desaparecer nada, ao contrário, lançaram ainda mais longe a cultura e a inteligência. Uma ferramenta tão excepcional como a imagem de síntese nos permite fazer mais experiências, nos permite ser melhores; é uma espécie de tesouro, de capacidade, de inteligência e de pesquisa, que permite ir mais longe, e descobrir outras coisas.

(Portzamparc, 1996 p. 52-61)

Para diferentes estudiosos, assim como para a editora, o livro, a poesia não sucumbem às novas técnicas de registro da linguagem; ao contrário, transformam-se, assumindo novas formas, presentes em novos suportes de textos necessários para a formação de novos e diferentes leitores.

O antropólogo baiano Antônio Risério compartilha também dessas idéias, quando afirma:

...podemos atuar sobre as tecnologias, negociá-las socialmente, resignificá-las. Diante das tecnologias, não devemos nos comportar passivamente, como se as coisas fossem produzidas em paragens extraterrestres. Há que investir poeticamente no campo da computação gráfica,

tirando partido das possibilidades da nova tecnologia da mente, que alarga o horizonte do fazer, no sentido da linguagem. O poeta que souber lidar com isso vai se movimentar, obviamente, num novo universo escritural. (p.6-7)

A *Companhia das Letrinhas*, ainda que valorize o impresso no início de seu catálogo, através de opinião de autores, não quer ser identificada como distante deste discurso em torno da tecnologia. Ela tira proveito destes não tão novos tempos e apresenta um livro de poemas acompanhado de CD, andando juntos o registro da voz e do olho. Mas o novo suporte pressupõe novas soluções, como afirma Chartier (1994):

a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; as relações de continuidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis. (p. 101)

Talvez estas novas relações entre leitor, livro e CD Rom ainda não estejam solidificadas e não sejam suficientes para exigir grandes investimentos da editora neste setor: são apenas três obras, em um total de 16 e, mesmo assim, obras de autores já conhecidos pelo público desta editora.

Nesse sentido, o desafio está lançado aos poetas e escritores: enveredar por mais esse caminho que acompanha os novos tempos, através do verbo, da voz, para conquistar leitores e mercados, em busca de novas gerações de leitores.

Os efeitos da tecnologia não ocorrem aos níveis das opiniões e dos conceitos; eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, num passo firme e sem qualquer resistência. O artista sério é a única pessoa capaz de enfrentar impune a tecnologia, justamente porque ele é um perito nas mudanças de percepção. (McLuhan:1996, p.34)

No conjunto das obras apresentadas pela *Companhia das Letrinhas*, podemos observar ainda a presença, tanto de autores brasileiros, quanto estrangeiros: José Paulo Paes, Vinícius de Moraes (Toquinho e Adriana Calcanhoto), Ricardo Cunha Lima, Tatiana Belinky, Ricardo Cunha Lima, Alberto Martins e Lalau .

A editora agrega tanto o estofo considerado importante para o jovem leitor, uma literatura clássica do início do século XX , quanto os autores nacionais, representantes diretos da época do “boom” da literatura infantil brasileira. Autores como José Paulo Paes, Alberto Martins, Vinícius de Moraes, Lalau , são apresentados pela editora como “ensinando” o que é poesia e como fazê-la; estimulando o leitor a escrever seus poemas; fazendo brincadeiras com imagens; juntando os poemas a imagens; elaborando jogos de palavras que apresentam linguagem rica, mas divertida, que transmitem curiosidade, alegria e leveza aos leitores deste gênero. Poetas capazes de traduzir a idéia de que poesia é um jogo lúdico da linguagem, sempre partindo da crença de que o bom leitor, escolhendo qualquer livro do catálogo desta editora já estaria fazendo uma boa opção, pois este tem a medida exata para seduzir seu pequeno leitor.

Segue abaixo o levantamento das obras poéticas que constam do catálogo da *Companhia das Letrinhas* do ano de 2004.

Título	Autor (a)	Ilustrador (a)	Premiações
Bem-te-vi e outras poesias	Lalau	Laurabeatriz	FNLIJ-Categoria Poesia 1994

Girassóis e outras poesias	Lalau	Laurabeatriz	FNLIJ- Categoria Poesia 1995
Fora da gaiola e outras poesias	Lalau	Laurabeatriz	FNLIJ-Categoria Poesia 1995
Uma cor, duas cores, todas elas	Lalau	Laurabeatriz	FNLIJ-Categoria Poesia 1997
Uma letra puxa a outra	José Paulo Paes	Kiko Farkas	FNLIJ-Categoria Poesia 1992 Prêmio Jabuti 1993
Um número depois do outro	José Paulo Paes	Kiko Farkas	_____
A arca de Noé	Vinicius de Moraes	Laurabeatriz	Prêmio Jabuti 1992 de melhor produção editorial de obra em coleção
O poeta aprendiz	Vinicius de Moraes, Toquinho e Adriana Calcanhoto	Adriana Calcanhoto	_____
A floresta e o estrangeiro	Alberto Martins	A partir de aquarelas e guaches de Lasar Segall	_____
De cabeça para baixo	Ricardo da Cunha Lima	Gian Calvi	Prêmio Jabuti 2001 de literatura infanto juvenil FNLIJ- 2000 Prêmio Ravens, 20002
Rima pra cá, rima pra lá	Tradução Eloísa Jahn	Vários	_____
Ri melhor quem ri primeiro	Seleção e tradução de José Paulo Paes	Vários	FNLIJ- Categoria poesia 1998
Nós e os bichos	Marcelo R. L. Oliveira	Cárcamo	_____
Um caldeirão de poemas	Tatiana Belinky	Vários	_____
Cambalhota	Ricardo da Cunha Lima	Mariana Massarani	_____
Quem é quem	Lalau	Laurabeatriz	_____

5-Catálogos – Uma contribuição aos professores

Embora os dois catálogos analisados apresentem projetos editoriais bastante diferenciados, ambos possuem textos que destacam e legitimam a importância da leitura da poesia na formação de jovens leitores e a singularidade da linguagem poética, pois, percebendo que a criança é receptiva a este gênero que apresenta um caráter bastante lúdico, aproveitam essa receptividade para mostrar-lhes que os poetas utilizam as palavras para criar seus textos, brincando com elas. Talvez por isto a apresentação das obras poéticas utilize tantas palavras do tipo: criatividade, brincadeira, invenção, divertimento, imaginação... Talvez os editores queiram mostrar que a língua pode estar a serviço da poesia, entendida como uma obra de arte.

Porém, apesar de reconhecerem que as crianças são receptivas a este gênero, em ambas as editoras é evidente uma diversidade maior de ilustradores do que de poetas, revelando a importância dada à imagem dentro do texto destinado ao leitor infantil, o que pode indicar que as duas editoras partem do princípio de que, juntos, texto e ilustração produzem sentido para quem lê, mas também pode revelar a fragilidade de que a poesia parece sofrer no universo escolar.

No caso da *Companhia das Letrinhas*, o aspecto gráfico é muito valorizado e fica muito evidenciado em todo o seu catálogo; os editores tentam mostrar o quanto a linguagem visual é capaz de dizer por si só, sem o uso de palavras, ou mesmo, que forma uma parceria estreita com o texto.

Em ambos os catálogos, ficou clara uma significativa preocupação com temáticas reconhecidamente vinculadas à criança ou à escola, talvez por ter a escola a tarefa institucional de conseguir que os estudantes se tornem hábeis no sistema de representação escrita, pois, ao garantir que o aluno possa ler e escrever com competência, a escola — principal cliente, hoje, no mercado editorial — estaria cumprindo o seu papel de co-responsável pelo exercício da cidadania.

É também comum às duas editoras a relação nítida do modo de apresentação e a seleção das obras com o leitor que se pretende alcançar: o escolar. Enquanto a editora *Ática* relaciona as competências, as habilidades de leitura e formas de ler a todo o conteúdo que se pretende ensinar, a *Companhia das Letrinhas* preocupa-se em apresentar, a esse leitor escolar, livros bonitos que ensinem a fazer poesia, que estimulem a prática da compreensão das coisas, dos sentimentos, específicos da linguagem poética.

O outro leitor a ser cativado pelos catálogos, o professor, parece ser visto pela *Ática* como aquele que sempre precisa de apoio; a editora, portanto, dispõe-se a desempenhar esse papel instrutivo, indicando o que ler e o que trabalhar em sala de aula. Já na *Companhia das Letrinhas*, o professor é bastante valorizado em suas funções, pois a ele cabe ensinar o aluno a ler e estabelecer com o livro um tipo de relação que seja prazerosa, o que pode ser garantido pela oferta de bons livros a seus alunos.

Essas duas visões distintas do professor materializam-se, nos catálogos, pela forma como as obras são apresentadas:

Na editora *Ática*, há uma preocupação constante em oferecer aos professores um suporte pedagógico que os ajude em sala de aula: sugestão

forma com que são organizados, os catálogos possibilitam ao professor uma agilidade maior na busca e localização de um título, uma temática ou um assunto que está procurando.

Outra vantagem oferecida pelos catálogos é que geralmente apresentam um resumo das obras e assim, embora superficialmente, dão uma idéia do seu conteúdo.

Os catálogos também são importantes quando o professor quer se manter atualizado, seja quanto a obras que atendam às últimas exigências pedagógicas seja quanto aos últimos lançamentos do mercado editorial para adoção ou sua própria leitura. Ao folhear o catálogo, o professor terá acesso a sugestões de títulos, autores e gêneros literários que podem compor a sua biblioteca pessoal e também a de seus alunos.

Fica claro que, apesar da enorme preocupação em atingir o mercado editorial e embora direcionem seus leitores conforme a concepção de leitor e leitura que cada uma possui - como já foi apresentado no interior do trabalho - os catálogos ainda se mostram instrumentos importantes para o público a que se destinam.

"A prosa", dizia Coleridge, "é as palavras dispostas na melhor ordem; a poesia as melhores palavras dispostas na melhor ordem".

(Fernando Pessoa)

6-Bibliografia

ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil*. SP: Scipione, 1989.

ARIÉS, P. *História Social da Criança e da Família*. RJ: Guanabara Koogan, 1981.

ASBAHR, M. C.C. *Produção Cultural para Crianças: Livros de Auto-Ajuda*. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

Brasil. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília: MEC: SEF, 1998.

CHARTIER, R. Textos, impressos, leituras. In *A História Cultural: entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1990.

CHARTIER, R. *A Ordem dos Livros*. Brasília, UNB, 1999.

CHARTIER, R. *A Aventura do Livro – do Leitor ao Navegador*. SP, UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHARTIER, R. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COELHO, N. N. *A Literatura infantil: História, Teoria, Análise: Das Origens Orientais ao Brasil de Hoje*. 2 ed. SP: Quiron/Global, 1982.

COELHO, N. N. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. SP Moderna, 2000.

- COSTA, M. P. *A Leitura e a Escrita para Lygia Bojunga Nunes*. 2001, Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. A ruptura com a poética tradicional in *Literatura Infantil Brasileira. Histórias e Histórias*. São Paulo: Ática, 1984.
- LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *Do Mundo da leitura para a leitura do Mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *A Formação de Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1997.
- OLIVEIRA, Íris F. M. *Uma Leitura dos Catálogos de Livros Infantis*. 2003, Relatório Final da Pesquisa de Iniciação Científica - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PAZ, Octávio Verso e Prosa in *Signos em Rotação*. Editora Perspectiva, 1972
- RIBEIRO, Luciana F. *Vivendo o Texto Literário na Sala de Aula: A Criança e Seus Modos de Participação*. 1997, Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SENA, Yara Máximo de. *Entre as Páginas de um Livro: Cecília Meireles*. 2004, Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SERRA, E. D' ANGELO. *30 Anos de Literatura para Crianças e Jovens; Algumas Leituras*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil – ALB, 1998.

VASSALLO, Márcio Uma Inquietude Encantadora. *Notícias do Salão FNLIJ*
2003, Rio de Janeiro, 4 set. 2003

WERNECK, Regina Yolanda. "O problema da ilustração no livro infantil"
In *Anais do I encontro de professores universitários de
literatura infantil e juvenil*. R J : Fundação Nacional do Livro
Infantil e Juvenil. pp 227-286. 1998